

A Cobertura Mediática da Morte de Odair Moniz
- Análise ao Website do Canal News NOW –

Telma Marina da Luz Casimiro

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da
Comunicação, Estudo dos Media e Jornalismo**

Maio, 2025

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, Estudo dos Media e Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Marisa Torres da Silva.

Agradecimentos

À minha mãe Adélia e ao meu pai Victor por terem sido o meu porto seguro, e apoio emocional durante estes meses.

Ao Marley que me acompanhou em todas as horas de escrita deste relatório, incluindo os dias em que começava pelas seis da manhã, sem falta.

A todos os amigos a quem recorri sempre que precisava de força e de me lembrar o motivo de estar a escrever esta dissertação.

Ao meu orientador de estágio, Diogo, que no meio de exigências me fez perceber o meu valor e competência num ambiente que me era completamente novo.

Aos coordenadores, pivôs, jornalistas e estagiários do Now que acreditaram no meu potencial e possível caminho que poderei percorrer no mundo do jornalismo.

À minha professora, Marisa Torres da Silva, por ter aceite ser minha orientadora, pelo apoio incondicional dado e por ter sido incansável ao longo das semanas mais desafiantes que tive em 24 anos de vida.

À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-NOVA) por me ter proporcionado um espaço de partilha de ideias e contacto com uma das áreas que mais me é querida, a comunicação.

A Cobertura Mediática da Morte de Odair Moniz:

- Análise ao Website do Canal News NOW-

Telma Marina da Luz Casimiro

Resumo

Este relatório de estágio tem como objetivo entender de que forma o News Now cobriu a morte de Odair Moniz, analisando o website do canal. O episódio envolveu um homem cabo-verdiano de 43 anos, habitante do bairro periférico de Lisboa, Zambujal, baleado duas vezes por um agente da Polícia de Segurança Pública (PSP). A investigação tem por objetivo analisar a cobertura feita ao caso, sendo este um tema que levantou questões sobre o modo de atuação das forças de segurança. Temáticas como racismo, bairros periféricos, abuso de poder, ou até mesmo o cadastro da vítima mortal, acabaram por ser trazidas para o debate público. Entre outubro de 2024 e janeiro de 2025, foram recolhidas e analisadas cerca de 93 peças jornalísticas, utilizando-se como metodologia a análise da forma e do conteúdo das publicações feitas, assim como uma entrevista feita a uma das jornalistas do website. Examinámos não apenas a cobertura jornalística deste episódio com visibilidade mediática, mas também os intervenientes que modelaram a discussão no debate público.

Palavras-Chave: bairros sociais; polícia; zonas urbanas sensíveis; cobertura mediática; agenda política; racismo.

Media Coverage of the Death of Odair Moniz:

-Analysing the News NOW Channel Website-

Abstract

This internship report aims to understand how News Now covered the death of Odair Moniz, by analysing the channel's website. The episode involved a 43-year-old Cape Verdean man from the outskirts of Lisbon, Zambujal, who was shot twice by a Public Security Police (PSP) officer. The aim of the investigation is to analyse the coverage of the case, which has raised questions about the way the security forces act. Themes such as racism, peripheral neighbourhoods, abuse of power, or even the record of the deadly victim, ended up being brought into the public debate. Between October 2024 and January 2025, around 93 pieces of news were collected and analysed, using as methodology an analysis of the form and content of the publications, as well as an interview with one of the website's journalists. We examined not only the news coverage of this episode with media visibility, but also the players who shaped the discussion in the public debate.

Keywords: social housing estates; police; sensitive urban areas; media coverage; political agenda; racism.

Índice

Introdução	8
Capítulo I- Memória do estágio no News Now.....	10
1. O News Now	10
2. Estágio	11
2.1 Escrever para o Now.....	11
3. Balanço crítico.....	17
4. Escolha do tema de investigação	19
Capítulo II- Bairros Sociais: contexto nacional e mediático.....	20
1. Bairros sociais no século XX.....	20
2. As Periferias e o Centro da Cidade.....	22
3. Autoridade ou Autoritarismo.....	25
4. Os média e os bairros sociais.....	30
Capítulo III: Âmbito do estudo e Metodologia	38
1. Âmbito do estudo	38
2. Metodologia.....	39
3. Dimensões e variáveis de Análise	40
Capítulo IV- Análise e Discussão dos Resultados	41
1. Dimensão da Forma.....	41
2. Dimensão do Conteúdo	46
3. Análise qualitativa das peças assinadas por jornalistas do Now	51
4. Discussão dos Resultados.....	53
Conclusões	57
Referências Bibliográficas	59
Anexos.....	65
Anexo 1. Lista de Tabelas	65

Anexo II- Entrevista completa à jornalista Joana Ramalho	77
--	----

Introdução

O debate em torno do modo da ação policial para com pessoas de etnia negra ou moradores de bairros sociais começou a ser cada vez mais questionado à medida em que temas como racismo, violência policial, abuso de poder e segregação começaram a receber mais visibilidade mediática. Com a evolução tecnológica, os media tradicionais deixaram de ser os únicos portadores de notícias, e aparelhos como smartphones em conjugação com as redes sociais vieram trazer outro prisma e diferentes planos de enquadramento. As pessoas acabaram por se tornar também elas fontes a partir do momento em que a informação passa a estar à distância de um pequeno clique, ou da câmara de um telemóvel, gravando um vídeo que facilmente é reproduzido e partilhado por milhares de utilizadores.

Um dos episódios que tomou grande proporção no debate público, envolvendo agentes da autoridade e cidadãos de etnia negra, foi a morte de George Floyd em 2020. Um caso que recebeu atenção mediática não só pelo episódio em si, mas pelo facto de ter sido gravado o exato momento em que um polícia colocava todo o seu peso, através do joelho, no pescoço do afro-americano que não resistiu e morreu momentos a seguir no local, depois de repetir por diversas vezes “Não consigo respirar” (‘I can’t breathe’). Foi um acontecimento que gerou ondas de protesto por todo o mundo, e Portugal não foi exceção. O conteúdo gráfico que circulou no meio online criou não apenas apelos nas ruas, mas também em redes sociais, sendo um dos momentos mais marcantes o uso dos quadrados pretos na rede Instagram em modo de manifesto contra a violência policial e o racismo.

Em Portugal, meses antes da morte de Floyd, houve um episódio que envolveu também uma pessoa de etnia negra e um agente da autoridade. Foi o caso de Cláudia Simões, cidadã luso-angolana, que terá sido responsável pelo início de uma discussão com passageiros e com um motorista do autocarro da Carris, no qual circulava, que posteriormente contactou a PSP para intervir. Um dos agentes destacados foi Carlos Canha; a tensão entre o mesmo e a mulher terá subido, resultando na detenção da mulher. O agente da PSP foi mordido pela mulher de 47 anos, que por seu lado ficou com vários hematomas no rosto. Até então Cláudia Simões teria sido a única acusada no processo-

que foi revisto este ano pelo Tribunal da Relação de Lisboa (TRL), condenando o agente da PSP a uma pena suspensa de 5 anos.

O debate sobre o racismo nas suas variadas formas ganhou novos contornos com casos não só expostos pelos media tradicionais, mas também através de informações disseminadas pelas próprias comunidades, que rapidamente partilham episódios que ganham maior relevância. Personalidades como figuras políticas, instituições ou associações tentam adaptar-se a uma esfera pública que se transformou com o surgimento de redes sociais e de outros tipos de fontes de informação no online. Os próprios canais de comunicação tradicional recorrem por diversas vezes a redes como o X, antigo Twitter, para obter novas imagens ou perspetivas sobre casos, além do que é partilhado por instituições ou testemunhos que se encontrem no local.

A escolha do tema deste relatório de estágio decorreu numa altura em que o canal de notícias de televisão News Now tinha aparecido recentemente no ambiente mediático português (assim como o seu website) e em que se deu a morte de Odair Moniz, habitante do Zambujal (um bairro periférico de Lisboa), baleado duas vezes por um agente da Polícia de Segurança Pública (PSP). A pergunta de pesquisa que norteia a investigação feita no âmbito deste relatório de estágio é então a seguinte: “De que maneira é que o website do canal News Now cobriu jornalisticamente a morte de Odair Moniz?”. A análise de conteúdo a peças no website, assim como a entrevista a uma das jornalistas deste departamento, foram as técnicas de recolha de dados escolhidas para responder a esta pergunta de investigação.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo centra-se na experiência e balanço do estágio no canal News Now. O segundo capítulo enquadra teoricamente a temática dos bairros sociais, do ponto de vista histórico, sociológico e mediático. O terceiro capítulo define o âmbito do estudo e a abordagem metodológica. O quarto capítulo apresenta e discute os resultados.

Capítulo I- Memória do estágio no News Now

1. O News Now

O NEWS NOW, ou simplesmente NOW, é um canal televisivo fechado pertencente ao grupo MediaLivre (antiga Cofina Investec), do qual fazem parte a CMTV, Rádio do Correio da Manhã, Correio da Manhã, Jornal Record, Jornal de Negócios, Destak, Flash!, TV Guia, Máxima e Sábado, entre outros. O anúncio do canal foi feito a 14 de maio de 2024 e as emissões iniciaram-se a 17 de junho do mesmo ano.

A sua apresentação decorreu no dia 3 de maio de 2024 e tem um logotipo semelhante ao antigo canal espanhol “Nou Televisó”, que cessou funções em 2013. O presidente executivo do grupo MediaLivre, Luís Santana, justifica o nome do canal da seguinte forma: “É ‘News’ porque é notícias e ‘Now’ porque o ‘claim’ do canal é a notícia exata na hora certa”.

O Now é a televisão do Negócios, Record, Sábado e Máxima¹. Os seus programas atuais são o News Now Todas as Manhãs, News Now Todas as Tardes, News Now Meia Noite, News Now Todas as Noites, Jornal do Mundo, Liberdade de Expressão, Negócios, Jornal às 12, Record na Hora, Jornal às 20, Informação Privilegiada, Global 5.0, Frente a Frente, Sábado Viajante, Máxima, Repórter Sábado, GPS e Otimista (que conta com a presença do ex-Primeiro Ministro e atual Presidente do Conselho Europeu, António Costa).

A premissa e missão do canal passam por ter “Uma visão global, focada nas temáticas da política e economia, da atualidade nacional e internacional, com incidência no espaço europeu, que não renega notícias, dando sempre primazia ao interesse público.”² Durante boa parte da madrugada, embora o canal apresente a palavra "direto" por debaixo do seu logotipo, os noticiários são na verdade reposições de emissões feitas durante o dia.

Os comentadores principais, denominados protagonistas, são, à data: António Costa, Fernando Medina, Américo Aguiar, Pedro Santana Lopes, Graça Freitas, Judite Sousa, Luís Paixão Martins, Rita Matias, André Coelho Lima, Joana Mortágua, Mariana

¹ <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/agora-e-now-novo-canal-da-medialivre-esta-prestes-a-chegar-a-televisao-dos-portugueses>

² <https://www.nowcanal.pt/institucional/detalhe/missao>

Leitão, Bruno Gonçalves e Pedro Anastácio. Já as caras do canal são os jornalistas Patrícia Matos, Marisa Caetano Antunes, Eduarda Pires, Janete Frazão, Pedro Mourinho, Mário Carneiro e José Pedro Fernandes.

Relativamente ao website do Now, é composto por cinco separadores principais: “Últimas”, “Programas”, “Guia de TV”, “Protagonistas” e “Missão”. Quando entramos no mesmo, deparamo-nos primeiro com as notícias mais recentes e ao seu lado direito o Guia de TV. Contudo, se compararmos o Now a outros websites noticiosos, este não apresenta blocos de notícias dedicados a um tema específico. Quando o utilizador clica num tópico, como por exemplo as alterações climáticas, é redirecionado para a secção das “Últimas Notícias”, ao invés de ser remetido para uma página com conteúdos dedicados apenas a esse tema.

2. Estágio

2.1 Escrever para o Now

O meu estágio iniciou-se a 25 de setembro de 2024. Tive a oportunidade de conhecer as redações que fazem parte da MediaLivre, como o Record, o Correio da Manhã, Tv Guia, Negócios e Sábado. Posteriormente, ao fim do corredor, chegamos ao estúdio da ‘Now’, onde também se encontra a sua redação. Conheci o diretor executivo do canal, Paulo Oliveira Lima, e fui também apresentada ao coordenador, que ficou responsável por mim.

No meu primeiro dia, observei apenas o trabalho dos meus colegas, por ainda não ter quaisquer acessos ou conhecimentos sobre a realização de escrita televisiva. Conheci também os estúdios da CMTV e por fim a régie do Now. Lembro-me de entrar às 10 da manhã e de sair quase às 19h da tarde. Presenciei a escrita de offs, peças, cortes de vivos e a pressão constante de quem está na régie, responsável pela coordenação da emissão que passa na televisão, e uma oportunidade de estar nos bastidores para poder observar como tudo se desenvolve. Também vi os pivôs a fazerem balanços do que decorreu durante o dia para ser publicado nas redes sociais. Já as responsáveis pelo website trabalham no mesmo local que os jornalistas que escrevem para a emissão televisiva.

No meu segundo dia, ainda só absorvia o trabalho feito pelos meus colegas, até me ter sido pedido pelo meu coordenador, Diogo Carreira, um off. Para muitos, algo

simples, um pequeno texto onde o tempo ideal de escrita deve ser de 30 segundos, não excedendo os 50. Contudo, se for extremamente importante, exceções podem ser feitas. E assim o fiz: peguei no jornal de onde a notícia havia sido retirada, conferi outras fontes de informação para confirmar a veracidade da mesma e escrevi o meu primeiro off. O feedback ficou até hoje gravado na minha mente “Escreves bem, mas não se percebe nada.” Estaria a mentir se dissesse que não levei esta afirmação como um elogio, porque para mim já tinha meio caminho andado ao dizerem-me que escrevia bem. Foi algo que me foi dito diversas vezes, uma bússola que usei para navegar e confiar nos meus instintos enquanto lá estive. Recordando que um off tem geralmente entre 30 e 50 segundos, e precisa de ser escrito para um certo jornal, muitos da redação já o faziam em menos de meia hora, mas, no meu caso, demorei cerca de 3 horas ou mais. Nunca tinha levado algo tão a sério, tendo lido tantas vezes a notícia que às tantas já nem sabia qual era o ponto fundamental. Já nos últimos dois dias da semana, escrevi cerca de 3 offs, seguindo-se o fim de semana que me permitiu descansar e fazer um balanço da correria a que tinha sido exposta nos primeiros dias de estágio.

Começou por fim a minha primeira semana completa, onde, por muitas vezes, enquanto escrevia offs, ouvia a pergunta que me assombrou durante todo o estágio e que internamente antes de fazer o que seja, me questionava sempre “Qual é a notícia?”. Percebi que para escrever um off, o objetivo é ir diretamente ao cerne da questão e não escrever apenas sobre o que achamos ser importante, porque “achismos” por muitas vezes não eram o essencial. Tínhamos de ser rápidos, ler as letras gordas, o grande resumo para que tudo coubesse no tempo indicado. Nesta altura, fazia o horário da manhã, das 8:30 até às 15:30, mas confirmei que esta nunca era a hora de saída. Por imensas vezes saímos quase duas horas depois do expediente, o que para mim, até então, não era algo a que tivesse habituada.

Durante esta semana, estava determinada a escrever offs com mais rapidez. Aprendi também a cortar vivos e a legendá-los caso fosse preciso. Escrevia sobre tudo, mesmo pensando que inicialmente só iria redigir sobre política, tendo em conta que a minha licenciatura é em Ciência Política e Relações Internacionais. Nesta mesma semana, iniciei também a formação para diretos, da responsabilidade do jornalista Francisco Penim, que começava por me dizer que um direto “É como um animal selvagem”, sessões essas das quais nunca pensei sentir tanta falta. A primeira semana foi uma enorme fase

de adaptação, como muitos “nãos” relativamente a offs que ia escrevendo, mas no final da semana a obter mais “sims”.

Entramos depois em outubro, altura em que a política nacional estava voltada para o parlamento, uma vez que ia começar a ser debatido o Orçamento do Estado para 2025. Certo dia, chego à redação pronta para mais um dia de estágio, mas que acaba por não ser igual aos outros. O meu coordenador atribui-me a tarefa de redigir offs de 25 segundos que tinham de ficar prontos até ao jornal da Hora de Almoço, o que significava escrever e editar cada um em 20 minutos no máximo.

A par desta situação, tinha também uma formação de diretos novamente com Francisco Penim. E foi aí que aprendi que tudo tem de ser comunicado a quem está a coordenar. Dei por mim a tentar fazer tarefas em simultâneo, com a falsa sensação de que teria tempo. Fui, como é habitual, à formação de diretos, mas rapidamente regressei, porque o meu coordenador precisava de mim, uma vez que não havia pessoas disponíveis para redigir os offs que teriam de ser apresentados durante o jornal da Hora de Almoço, com início marcado para as 11:45H. Apesar do stress, o objetivo foi cumprido, e pela primeira vez escrevi os textos que me valeram elogios tanto do meu coordenador, o que é uma raridade, assim como também da pivô Janete Frazão, responsável pela apresentação desse mesmo jornal. O meu sentimento foi de dever cumprido e de que finalmente estava a apanhar o jeito, eficiência, forma de escrita e, mais importante, autonomia, todas qualidades pedidas durante o estágio. Com o tempo habituei-me a tudo, menos ao horário a que saímos que nunca era o certo, mas aprendi que isso é algo inerente ao mundo do jornalismo.

Comecei também a fazer recolhas de testemunhos, mais conhecidas como “saídas” e, apesar de não poder dar a cara por não ter a carteira de jornalista, tive a oportunidade de ver como tudo corre por detrás das câmaras. Uma das que mais me impactou neste início foi a minha ida a uma manifestação pela Palestina. Um ambiente sem dúvida diferente e com maior tensão. Já tinha passado da minha hora de saída, mas não havia outro jornalista disponível, principalmente por ser fim de semana. Senti pela primeira vez maior responsabilidade, porque ia efetivamente fazer perguntas a um político, neste caso Paulo Raimundo (secretário-geral do Partido Comunista Português) e uma tarefa que me foi pedida na altura pelo coordenador responsável pela tarde.

Além das conversações sobre o Médio Oriente, não nos podíamos esquecer de que na altura estavam a decorrer as negociações de propostas para o Orçamento do Estado 2025. As polémicas em torno das mesmas instalaram-se na política nacional, como foi o caso das supostas conversas “à porta fechada” entre o Chega e o Partido Social Democrata (PSD). Entendi também, ao informar a coordenação, que só posso sair do local para onde havia sido destacada, neste caso onde decorria a manifestação, quando me fosse dada permissão para tal - fator que aprendi quando já estava a caminho do parque do estacionamento com o repórter de imagem que queria também terminar o turno depois de tanto andarmos pela rua do Ouro.

Outro fator no Now é de que não existem categorias sobre o que é que cada um tem de redigir - escrevemos sobre tudo, tratamos das edições dos offs e dos vídeos que posteriormente vão para a emissão televisiva e temos de estar atentos ao detalhe e à possibilidade de erro, que é muita. Uma procura de perfeccionismo, mas também da rapidez, o que acaba por pesar um pouco tendo em consideração que nem sempre estava gente suficiente na redação para a quantidade de trabalho existente. Usávamos informações de agências como a Reuters ou a Lusa, mas, quando algo se passava, por exemplo, em Espanha, recorria a jornais nacionais e locais. O Notícias ao Minuto foi também um grande aliado, porque podia ter a aplicação instalada no telemóvel e mantinha-me atualizada dentro e fora da redação com a quantidade de notificações que ia recebendo, sobre quase tudo o que se passava no mundo e em Portugal. Outra ferramenta que usei com grande frequência foi o WhatsApp que me permitia comunicar com a redação e coordenação de forma mais rápida. Aprendi a tática dos “timecodes”, um auxílio para selecionar, posteriormente, a parte essencial para cortar um vivo para passar na emissão. Também ajudava a dar um contexto aos meus colegas caso fosse essencial que a notícia fosse emitida de imediato para o jornal.

A determinada altura, as “saídas” começaram a acontecer semanalmente e conheci não só jornalistas com mais experiência de outros canais, como também estagiários que, como eu, estavam a navegar e a tentar encontrar o seu espaço num mercado de trabalho que tantos dizem estar saturado em Portugal.

Durante o mês de outubro irromperam as manifestações dos bombeiros sapadores. Lembro-me do dia em que toda a redação fixou os olhos em três televisões dispostas na vertical, a vê-los subir a escadaria da Assembleia da República. Uma paragem que durou dez segundos, porque em televisão, o tempo urge. Ouvi um dos coordenadores gritar e a

pedir um carro, por precisar de um veículo e de um jornalista experiente que se dirigisse rapidamente ao local. Alguém que soubesse efetivamente lidar melhor com o tipo de situação, mais intensa e que se poderia tornar perigosa. A adrenalina sentida na redação foi incrível, algo inesperado e assim, ali vi que não dá efetivamente para se planejar um dia ou esperar pelo que vai acontecer. É esperar o inesperado, como o que aconteceu naquela manhã, pouco antes e durante o jornal da Hora de Almoço.

Durante essa altura, eclodiu também o caso da morte de Odair Moniz e como consequência os tumultos que assolaram a área da Grande Lisboa e arredores. Foi nessa mesma semana que decidi mudar o trajeto inicial do meu trabalho e fazer um estudo de caso sobre a cobertura mediática deste acontecimento.

Durante o segundo mês do meu estágio comecei também a redigir peças jornalísticas e pequenas reportagens com cerca de 3 minutos, transmitidas no jornal. A primeira que escrevi foi sobre o tempo, e além da escrita, também editamos e cortamos os vídeos para passar na emissão televisiva, tendo sempre de ter em atenção que as imagens têm de bater certo com o que está a ser narrado, e entre procurar as imagens e vídeos certos no arquivo.

No final do mês de outubro e início de novembro, comecei a fazer turnos das 14:30 até às 21:30 da noite, com uma equipa e coordenadores diferentes. Já me tinham dito que por vezes era mais calmo que o período da manhã e isso veio a comprovar-se. Tive a possibilidade de assistir ao telejornal da noite, transmitido em horário nobre, e de ver convidados políticos que por diversas vezes se dirigiam, na sua grande maioria, durante a tarde à redação.

Contudo, o dia que mais esperava poder assistir e fazer parte era o das Eleições norte-americanas. A redação nunca tinha estado tão tumultuosa a partir das seis da tarde, como naquele dia. Estava tudo em êxtase, desde os estagiários, jornalistas experientes, pivôs, repórteres de imagem, maquiadoras e cabeleiras que iam ajeitando a imagem dos mesmos o melhor que podiam. Tudo pronto para o início da emissão que se sucedeu ao Jornal da Noite todos os dias apresentado por Pedro Mourinho. A emissão das eleições contou com jornalistas do Negócios, da Sábado e com as caras da Now, como João Ferreira, Marisa Matos, Francisco Penim, e o painel de comentadores do canal aos quais me habituei a ver todos os dias.

Nesta altura já me sentia confiante o suficiente para sugerir notícias ao coordenador que pudessem ser interessantes antes da emissão começar. Obtinha a aprovação e rapidamente escrevia os meus offs que neste momento não tardavam mais do que meia hora a serem redigidos. Cheguei à redação pelas cinco da tarde, e como licenciada em Ciência Política, não podia deixar de espelhar o meu entusiasmo. Foi dos dias em que, como faço sempre durante as eleições, tinha o mapa do país com a contagem de votos a acontecer em direto. Acabei por ficar por mais uma hora só para ver como tudo se ia desenrolar, apesar de saber que os resultados só se iriam saber pela manhã. Saí da redação à uma da madrugada, com um sentimento de dever cumprido.

O horário da tarde acabou por ser o meu turno definido até ao fim do estágio, e o que mais gostei de fazer. Durante maior parte dos dias, os meus coordenadores eram ou o José Pedro Fernandes ou o Cláudio Constantino tendo também sido depositada em mim a confiança e autonomia para escrever peças jornalísticas. Com o passar do tempo, comecei a escrever duas peças por dia, dependendo da disponibilidade e da quantidade de vivos que ia tendo para cortar. A cada peça redigida, a minha criatividade para contar a história ao espetador ia aumentando. Também me afeiçoei a este turno por não refletir a pressão sentida durante manhã, uma vez que, entrando às 8:30 temos responsabilidade de redigir as notícias que vão passar durante o dia todo.

O mês de novembro pendeu entre as eleições norte-americanas, as manifestações dos bombeiros, o caso de Odair Moniz, o turismo de saúde, especulações sobre uma possível candidatura de Gouveia e Melo a Belém e a fortuna de Marco Paulo. O turno da tarde era recheado de políticos e comentadores mais virados para temas que me interessavam, além do futebol, o que melhorou a minha experiência no estágio. O à-vontade e a confiança foram aumentando, assim como a coragem para pedir conselhos aos jornalistas mais experientes, dicas de linguagem e de construção de peças.

Chegando a dezembro, o sentimento de nostalgia e medo do futuro começam a surgir. Infelizmente não houve a possibilidade de continuar no Now mas acredito que rejeição seja redirecção. Acabei por fim as sessões de diretos para a TV com o Francisco Penim e, apesar de achar que não correu tão bem, o feedback foi de que estava pronta para ir para a “rua” como repórter. A confiança dada foi efetivamente uma palavra de conforto. O não “desmontar” ou não deixar-me distrair pelas pessoas que passavam no corredor era complicado para alguém com défice de atenção, mas esforçava-me para ficar constantemente no papel até ouvir o conhecido “fecha”.

O estágio terminou a 11 de dezembro de 2024 e as palavras de boa sorte dadas pelos colegas ficam guardadas.

3. Balanço crítico

Escrever para o Now foi uma experiência positiva na generalidade. Durante três meses fui apresentada a um tipo de jornalismo mais rápido e sintético ao qual tive de adaptar a minha escrita. Um trabalho desafiante no meio da rapidez e correria que é a televisão. As bases que tinha não me haviam preparado para o que o jornalismo televisivo pede, desde conteúdo à sua forma, por isso, além de o estágio me ter apresentado outro tipo de escrita, ajudou-me a praticá-la, a aprender a capacidade de síntese e a questionar tanto para mim, como para o telespectador: “Qual é a notícia?”.

No início, quando fiz a minha primeira entrevista, esperava que o canal fosse ter pessoas dedicadas a espaços específicos, como por exemplo, política nacional, política internacional, sociedade, cultura, economia ou desporto, o que não aconteceu como dito acima. O Now é um canal que agrega o Record e o Negócios, ou seja, ambos os jornais têm emissões/rúbricas televisivas no mesmo, mas não foi por isso que deixámos de escrever sobre tudo o que era notícia. Os meus temas preferidos, tendo em conta as bases que tinha, eram sempre relacionados com política, mas redigia quando necessário sobre economia, futebol ou até mesmo sobre o tempo. Foi um desafio, especialmente no início quando estava a ser debatido o Orçamento do Estado, uma experiência que fornece bases a qualquer pessoa que esteja a iniciar na área.

Os elogios à minha escrita foram também um motor de confiança e senti-me mais independente, principalmente quando me juntei ao turno da tarde. As perguntas que fiz foram menos frequentes, mas não deixei de as fazer, essencialmente a pessoas que têm mais experiência no meio. Neste período também existia menos pressão em termos de notícias, uma vez que, é durante a manhã que o maior volume é escrito e, por isso, alguns dos pivôs e jornalistas mais velhos acabavam por ter tempo e por oferecer ajuda quando necessário, principalmente se demonstrássemos interesse em aprender e em melhorar a nossa capacidade de escrita. Ouvir um “está tudo bem?” ou “precisas de ajuda?”, além de me fazer sentir vista na redação e não passar completamente despercebida, dava-me luz verde de que havia esse espaço para progredir.

Relativamente ao lado negativo, quando entrei na Now, não pude deixar de sentir que, apesar de haver um esforço por parte do meu coordenador para rever o que escrevia, não deixava de me sentir atirada aos leões no que toca a offs e vivos. Infelizmente, devido à conhecida crise no setor, não havia jornalistas suficientes ou tempo para acompanhar os estagiários, o que levava por diversas vezes a cometermos gafes e erros de escrita, tanto em offs, como nos leads. Era frustrante e perdia mais tempo em áreas como a economia, sobre a qual tinha menos confiança para escrever. Apesar de sermos estagiários, trabalhávamos quase similarmente aos jornalistas residentes, mesmo existindo diferenças, como por exemplo, não nos ser atribuído o turno das quatro da madrugada e termos a possibilidade de ter um horário praticamente fixo (entrar sempre às 8:30 da manhã ou às 14:30 da tarde. Só as folgas é que eram rotativas).

O nosso coordenador estabeleceu que, para certas coisas, nós estagiários, tínhamos menos responsabilidade comparativamente aos jornalistas residentes. Isso comprovou-se no dia em que decorreram duas manifestações em Lisboa, uma a pedir justiça pela morte de Odair Moniz organizada pelo movimento Vida Justa, e outra manifestação organizada pelo Chega que afirmava dar apoio total às forças de segurança em Portugal. Toda a redação teve de estar disponível para comparecer mesmo que tivessem folga, caso fosse necessário cobrir em algum momento os episódios que se iam passando a 26 de outubro de 2024, menos nós.

Durante o estágio no Now, gostei da sensação de poder estar ao nível de outros jornalistas, alguns também estagiários que tinham iniciado recentemente a sua vida profissional através do IEFP. Digo isto porque sentia efetivamente uma pressão parecida sobre os ombros, e apesar de nunca chegar a ser completamente igual, estava lá perto. De certa forma acabei por aprender mais rápido, mas por outro lado o stress acumulava-se na tentativa de concluir tudo a tempo. Um certo peso foi colocado sobre nós estagiários numa altura precoce, sobretudo em pessoas que não tinham bases de escrita em jornalismo televisivo. A técnica de aprendizagem, para perceber onde tínhamos de melhorar, acabava por ser através de adivinhação ou de feedback negativo.

Outro fator que aprendi foi utilizar meios alternativos para investigar e procurar notícias. A minha capacidade de pesquisa aumentou e percebi que além do uso de agências noticiosas convencionalmente usadas, redes sociais como o X (antigo Twitter), ou o Facebook são também fontes usadas para retirar vídeos sobre eventos, como manifestações, ou os primeiros flocos de neve na Serra da Estrela.

4. Escolha do tema de investigação

A escolha do meu tema de investigação sofreu algumas alterações e, à medida que os dias no estágio iam passando, tentei perceber qual seria o tópico que poderia escolher para unificar a minha experiência com algo sobre o qual tivesse interesse em investigar. Chegamos então a 21 de outubro, dia em que os jornais portugueses explodem com a morte brutal de Odair Moniz. Demorei três dias a estudar se seria o melhor tema para prosseguir e para basear a minha investigação. Pedi a opinião da minha orientadora e por aí seguimos.

O tema anterior sobre o qual iria querer estudar relacionava-se com a migração e discriminação de minorias em Portugal, assim com a sua representação nos principais media nacionais. Como filha de migrantes que cá chegaram no final da década de 70 e início dos anos 80, vindos de Cabo Verde, o tema acabava por me ser próximo. Mas a morte de Odair Moniz fez-me questionar não só a imigração e o retrato de imigrantes nos meios de comunicação social, como também as zonas periféricas em que maioria das minorias étnicas se encontram localizadas, principalmente no período pós 25 de abril. Tendo crescido com um contacto próximo a bairros sociais, senti que poderia estudar de que forma é que o Now noticiou o episódio, considerando que alguns textos publicados no website foram também escritos por mim.

Este episódio também despertou o meu interesse, devido ao debate que se levantou assim como críticas feitas, acusações e denúncias de violência policial em bairros sociais. Mas além disso, foi um caso que tomou outras proporções, desde envolvimento de atores políticos, à distância sentida entre comunidades de zonas periféricas e à falta de policiamento de proximidade, comparativamente a outras regiões que se encontram mais próximas dos grandes centros urbanos.

A morte de Odair Moniz veio trazer para debate temas considerados fraturantes na sociedade portuguesa. Numa altura em que opiniões extremas parecem evidenciar-se, assim como a intolerância para pensamentos divergentes, a opção por não analisar áreas cinzentas que são mais profundas do que aparentam acaba por dividir a população e complicar a procura de soluções para problemas que estão instalados em Portugal desde a Revolução dos Cravos.

Capítulo II- Bairros Sociais: contexto nacional e mediático

1. Bairros sociais no século XX

Em Portugal, no século XX, a imigração feita das zonas rurais para centros urbanos visava, entre outros objetivos, a procura por melhores oportunidades de trabalho e uma vida mais confortável. Contudo, depois da Revolução dos Cravos a 25 de abril de 1974, houve um retorno em massa de portugueses que se encontravam em território ultramarino como Angola, Moçambique ou Cabo-Verde. Comparado com outros países europeus, Portugal estava menos desenvolvido e tinha uma maior instabilidade a nível económico, não sendo totalmente capaz de fazer face ao desenvolvimento industrial que se observava em outros países europeus. “(...) O êxodo rural (...), os refugiados das guerras civis nas ex-colónias portuguesas, e ainda a imigração relacionada com as grandes obras públicas financiadas pela Comunidade Europeia são os exemplos mais marcantes (de diferentes vagas de imigração e migração na região de Lisboa)” (Heitor e Gonçalves 2019, p.1).

A população em território nacional aumentou principalmente em grandes centros urbanos como Lisboa e Porto, fator positivo para um país com envelhecimento rápido e que necessitava de mais oferta em mão de obra. A imigração fez com que Portugal melhorasse economicamente e potencializou a deslocação destas pessoas para regiões do país onde a população era cada vez menor, diminuindo assim as assimetrias regionais. A mão de obra qualificada aumentou, uma vez que muitos dos imigrantes (denominados “retornados”) tinham adquirido experiência essencial em países africanos, impactando positivamente áreas de desenvolvimento essenciais (Melo e Matos, 2019).

Por outro lado, o crescimento da população imigrante contribuiu também para o aumento da demanda habitacional. Algumas das pessoas que chegavam a território nacional tinham possibilidade de procurar apoio em casas de familiares ou conhecidos. Contudo, era uma realidade que não se aplicava a todos os que chegavam das antigas colónias, o que levou a que várias pessoas fossem alojadas em hotéis alugados pelo Estado (Ferin, 2009). Esta situação levou também a que muitos dos cidadãos procurassem habitação em zonas mais baratas, que acabavam por ficar localizadas em zonas periféricas. Este aglomerado começou a dar origem a alojamentos sem regulação. “A precariedade de muitas destas situações levou os agregados familiares a construírem as suas próprias habitações, dando origem a bairros de autoconstrução e de ‘barracas” (Ferin, 2009, p.138). Tratava-se assim de uma “população frágil, desprotegida e, em

muitos casos, sem recursos, bens ou trabalho que lhes pudessem conferir maior autonomia na escolha dos seus espaços de habitar” (Heitor e Gonçalves, 2019, p.4).

A Constituição da República Portuguesa (CPR), estabelecida em 1976, garante o direito à habitação, fator desafiante para as pessoas que chegavam de antigos territórios lusos. Numa altura pós-Revolução do 25 de abril, exigiam-se medidas e políticas públicas que respondessem a um problema habitacional já existente. “O problema da habitação incluiu-se nas principais reivindicações da população portuguesa, sobretudo nas duas maiores cidades do país, Porto e Lisboa” (Antunes, 2019, p.9). A par desta concentração dos retornados nas franjas lisboetas, em meados da década de 80, Portugal recebeu também imigrantes provenientes principalmente de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que, à semelhança da comunidade cigana, também se começaram a aglutinar nas margens dos centros urbanos. Os baixos rendimentos e a procura por habitação barata levavam a uma concentração em alojamentos mais baratos como terrenos baldios ou habitações que já tinham começado a ser estabelecidas por mão de imigrantes portugueses que regressavam de ex-colónias, concentração essa que originava “bairros de habitat clandestino ou degradado, maioritariamente habitados por populações de origem africana e de etnia cigana” (Ferin, 2009, p.138).

Foram desenvolvidos vários programas de políticas de habitação como o Serviço de Apoio Ambulatório Local que acabou por ser interrompido, mas no início da década de 90, foi desenvolvido o Programa Especial de Realojamento (PER), uma iniciativa implementada em Portugal que visava combater o problema de alojamentos sem condições. O objetivo seria dar apoio financeiro a municípios de modo a promover a construção ou compra de novas habitações com condições, ao contrário dos bairros clandestinos de lata que se haviam estabelecidos longe dos centros urbanos (Antunes, 2019). Este mesmo programa contribuiu para a destruição dos bairros ilegais, que não tinham condições básicas de saneamento ou de habitação, realojando a população em habitações com condições básicas e aumentando a oferta de alojamento público nacional. Isto “ajudou a que o final da década de 1990 e os primeiros anos do século XXI fosse o período com maior produção de alojamentos sociais de sempre” (Heitor e Gonçalves, 2019, p.14).

Os bairros de lata foram substituídos por grandes prédios que agregavam várias pessoas, de diferentes nacionalidades e etnias. No entanto, mesmo que tenha existido uma pequena aproximação e eliminação destas linhas de segregação, a discriminação e a

pobreza continuavam a ser observadas não só de forma geográfica. “As verdadeiras periferias são as sociais: as que segregam, rotulam e se reproduzem geracionalmente e que, por isso, criam identidades: a identidade do ‘bairro social’” (Núncio, 2024, p.4).

2. As Periferias e o Centro da Cidade

As zonas periféricas dos grandes centros urbanos concentravam na sua maioria população africana, e apesar de programas como a PER oferecerem habitação a um elevado número de famílias, por outro lado a imagem negativa que havia sido construída sobre os bairros clandestinos continuava a ser associada aos seus ex-habitantes, assim como a pobreza correlacionada a esta parte da população que integrava a sociedade portuguesa. “(...) os migrantes com origem nos PALOP e os seus descendentes estão entre as categorias de habitantes que aparecem sistematicamente sobre representados em recenseamentos e estudos focados na segregação socio-espacial e em situações de maior precariedade” (Carolino, 2023, p.6).

As pessoas cujos trabalhos acabavam por ser mais precários viam-se empurradas para as margens das metrópoles, regiões essas na qual se concentravam maiores índices de pobreza. Esta questão acaba por não ser resultado apenas da imigração e da falta meios de subsistência por parte desta população que acaba por vir de antigos territórios ultramarinos, mas também consequência da falta de apoio estatal e das autarquias a estas populações, levando consequentemente ao isolamento destes habitantes. “(...) O estigma da pobreza e do distanciamento dessa periferia cercada pela zona nobre ainda lhe conferia características insulares” (Guimarães e Santos, 2019, p. 946).

Mas recuando um pouco no tempo, esta não viria a ser a primeira vez em Portugal em que existia população africana a existir em bairros lisboetas. No século XVI, o bairro do Mocambo, que corresponde à atual Madragoa, era “um bairro de negros, fundamentalmente livres e forros, mas também escravos” (Raposo e Varela, 2017, p.4). Contudo esta presença foi sendo silenciada ou praticamente esquecida, principalmente após a abolição da escravatura no fim do século XVIII.

À semelhança da segregação vista no Mocambo, também nestes bairros mais atuais começou a observar-se cada vez mais população africana, negra e afrodescendente. Eram constituídos inicialmente na sua grande maioria por cabo-verdianos, que viviam

principalmente na Cova da Moura, sendo o crioulo a língua mais falada entre os habitantes do bairro periférico.

A Cova da Moura resultou da construção de habitações sem regulação ou licença dada pela autarquia e, apesar das autoridades saberem da existência de construções informais, havia ainda possibilidade de tornar o bairro legal, fator que levou várias famílias a mudarem-se para essa mesma zona, com o objetivo de poderem ter as habitações legalizadas. Com o tempo e com a chegada de mais pessoas, o bairro, comparativamente a outras áreas de Lisboa, tornou-se numa “realidade ‘outra’, um enclave migrante na Área Metropolitana de Lisboa” (Carolino, 2023, p.12).

Mas além da segregação habitacional e de rendimento, estas populações começaram a ser associadas ao aumento da criminalidade, tráfico de armas e droga, principalmente entre camadas mais jovens e pessoas de género masculino. “O bairro é, muitas vezes, reduzido a uma construção imaginária estereotipada (...) na qual os seus habitantes, sobretudo os jovens, são vistos como seres potencialmente ameaçadores para a ordem social vigente” (Macedo, 2022, p.56).

Os antropólogos Otávio Raposo e Pedro Varela realizaram um estudo usando o método *worldcloud*³ e, depois de inserirem na barra de pesquisa do motor de busca Google o nome “Cova da Moura”, recolheram as primeiras 70 palavras que apareciam no resultado da pesquisa. As expressões que mais se evidenciaram foram: “bairro”, “PSP”, “polícia”, “droga”, “assalto”, “jovens”, “suspeito”, “tiro”, “detido”, “violência”, “madrugada” (Raposo e Varela, 2017, p.5). No mesmo artigo, foi apresentado um estudo de caso sobre uma rusga policial levada a cabo por elementos das forças de segurança nesse mesmo bairro, assim como a forma como as notícias foram emitidas e desenvolvidas, desde a informação fornecida pela Polícia de Segurança Pública (PSP) até ao relato dado pelas testemunhas, o que levou à abertura de uma investigação por parte da Inspeção-Geral da Administração Interna e posterior intervenção do Alto Comissariado para as Migrações.

Os investigadores também relatam uma experiência pessoal vivida depois de um encontro com a PSP da esquadra de Alfragide quando estavam a conduzir um trabalho de campo. Estes foram interpelados pelas autoridades que demonstravam ter um tom

³ Criação de uma nuvem de palavras, onde é possível identificar quais os termos mais relevantes utilizados no texto.

agressivo durante a abordagem. “Mandaram-nos colocar as mãos na nuca ou na parede, afastar as pernas e revistaram-nos. Queriam saber se tínhamos droga (...). Aqueles que pareciam liderar a rusga decidiram fazer uma campanha de intimidação de teor racista contra o bairro” (Raposo e Varela, 2017, p.8). Também é mencionado o PER e os seus efeitos, e apesar de ter como objetivo erradicar e limpar a capital, ao realojar habitantes de bairros clandestinos nas habitações construídas, segundo o mesmo artigo, contribuiu de certa forma para a segregação urbana, uma vez que estas mesmas populações eram realojadas em bairros longe do centro e com uma imagem negativa e de gueto a eles associada. Os autores defendem que, além da distinção já observada entre os centros urbanos e as regiões periféricas, a ideia eurocêntrica proveniente de ideais racistas contribuiu também para descredibilizar e ignorar a presença de população negra e de etnia africana. “(...) A subalternização (da população negra/africana) é agravada pelo racismo e por um imaginário eurocêntrico de construção do Estado-nação que invisibiliza a sua presença histórica no país ao mesmo tempo que oculta a brutalidade do projeto colonial” (Raposo e Varela, 2017, p. 11)

A criação do PER era destinada a abordar problemas da habitação observadas em Portugal nas décadas de 80 e 90. Contudo, apesar de ter como objetivo melhorar as condições de alojamento, como mencionado acima, contribuiu para a segregação de uma parte da população, cuja sua constituição é na sua grande maioria de natureza étnico-racial, manifestando-se não só em termos de espaço como também ao nível do acesso a serviços (Raposo, Alves, Varela e Roldão, 2019). Mas além deste estigma, estas áreas começaram a surgir representadas e associadas a focos de tensão, com o aumento de criminalização, principalmente junto dos jovens. Estas circunstâncias fazem com que a intervenção policial nestas mesmas regiões pareça legítima e necessária, para conter a criminalidade e assegurar a segurança dos moradores que já se encontravam nestas regiões ante da onda de imigração se ter instalado de forma mais significativa em Portugal, principalmente na década de 80. “Tais ações só seriam justificáveis na periferia pelo reconhecimento do discurso social do perigo que esses lugares representam” (Guimarães e Santos, 2019, p.949).

A associação de criminalidade a bairros e a locais semelhantes à Cova da Moura contribui para a perpetuação da ação policial em determinadas áreas de forma mais violenta e diferenciada quando comparada a bairros que se vão aproximando de centros urbanos e próximos do estilo de vida cosmopolita. Além destas questões, acaba por ser

criada uma dicotomia em relação a bairros sociais, uma dialética do *nós versus eles*, sendo estes vistos como uma ameaça por parte do grupo que já habitava a grande Lisboa, antes da vaga migratória. Embora os bairros construídos para agregar as pessoas na década de 80 atendessem a atividades para a população que lá habita, não deixam de contribuir para a segregação, uma vez que se encontram longe de centros urbanos, com maiores taxas de pobreza e níveis baixos de escolarização. O enriquecimento cultural proveniente de pessoas que habitavam as antigas colónias diversificou a sociedade portuguesa, mas por outro lado, acentuou também a diferenciação entre portugueses “retornados” e a população africana imigrante, sendo os migrantes africanos sempre associados à “desordem” (Carolino, 2023).

A criminalidade e a pobreza surgem relacionadas a estas populações, o que não permite que os indivíduos que habitam estas franjas de centros urbanos sejam analisados de forma mais aprofundada, considerando as circunstâncias em que se encontram. É uma visão que se começa a enraizar na sociedade portuguesa, um imaginário que acaba por desumanizar e categorizar estes mesmo moradores. “(...) A pobreza por si só não é o que produz exclusão social, mas o sistema político, social e econômico que produz a pobreza” (Guimarães e Santos, 2019, p. 945). Estas questões levam a que a população acabe por ignorar a complexidade e interseccionalidade desde fatores raciais, a questões económicas, contribuindo para a marginalização e legitimação da ação policial nestes locais. Os bairros acabam por assumir uma ameaça à segurança da população. Por isso, sob este ponto de vista, torna-se aceitável a intervenção da polícia nestas zonas, como ferramenta do Estado.

3. Autoridade ou Autoritarismo

As autoridades, num estado democrático, contribuem para dar à população uma sensação de segurança. Considerando o exemplo português, devem garantir a segurança dos cidadãos seguindo a CRP. Mas a globalização veio mudar a maneira como olhamos para a segurança, sendo “essencial não esquecer que estamos inseridos num mundo global que se reduziu em dimensão, mas aumentou em complexidade” (Sameiro, 2007, p. 146).

Pressupõe-se que todos os indivíduos em qualquer sociedade desejam sentir-se seguros, com os seus limites respeitados e não violados. Neste caso, a polícia acaba por ser o elemento que detém essa responsabilidade atribuída pelo Estado, para garantir o

bem-estar e segurança dos cidadãos tanto a nível interno como a nível externo. Vivendo num estado democrático, a sensação de liberdade torna-se maior, mas é importante questionar até que ponto é que a mesma liberdade não vai interferir ou violar a liberdade de terceiros, ou até mesmo contribuir para o sentimento de que se pode fazer tudo.

A polícia acaba por ser um mecanismo ou instrumento do Estado que garante essa defesa. Contudo, considerando que não é possível obter um Estado perfeito em que todos os cidadãos se respeitam entre si, os agentes acabam por ter uma autoridade que lhes permite intervir quando existe qualquer tipo de violação entre cidadãos dentro de uma sociedade democrática. São munidos desse poder por parte do Estado. O objetivo da polícia é proteger os direitos dos cidadãos e deve existir uma separação de conceitos na dicotomia de palavras entre autoritarismo e autoridade (Guerreiro, 2011).

No entanto, quando existe um abuso de autoridade por parte das forças de segurança, neste caso, quando usam o poder que lhes foi conferido de forma ilegítima de modo a exercer influência sobre indivíduos ou causando danos a terceiros, agindo apenas em benefício próprio, ao invés de favorecer sociedade, podem ser punidas por lei, uma vez que se trata de um crime público.⁴ A questão da segurança é inerente a toda a população, uma vez que todos queremos ver os nossos direitos e limites preservados. A questão da não violação da liberdade de terceiros acaba por ser o objetivo da polícia e das forças de segurança, para manter ao máximo a ordem pública na sociedade.

Juntando a este tema a questão dos bairros sociais, o policiamento de proximidade pretende, como o nome indica, aproximar a comunidade a agentes da polícia, com o objetivo de se unirem num esforço comum para diminuir a taxa de criminalidade e consequentemente melhorar a segurança. Pode atuar apenas depois de um crime, como também adquire um carácter preventivo, fazendo com que pessoas com histórico criminoso tenham menor interesse em cometer delitos. “A ação da polícia deixa de incidir exclusivamente sobre a parte má da comunidade, mas também passa a acompanhar os outros membros da comunidade, tal como o acompanhamento de grupos de riscos (idosos, mulheres, crianças, etc)” (Tavares, 2013, p.7). O relacionamento apontado entre habitantes de bairros sociais e agentes da autoridade sempre foi retratado como tenso. “A

⁴ Código Penal, Decreto-Lei n.º 48/95, Artigo 382.º <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675>.

presença policial parece fazer eco, nesses contextos, da relação que se estabelece entre os jovens, nomeadamente de origem negro-africana (...)” (Gonçalves e Pinto, 2001, p.120).

Por outro lado, falando de policiamento de proximidade e integração para que haja melhoramento das relações entre agentes da autoridade e habitantes de bairros sociais, temos como exemplo a esquadra de Caxias em Oeiras. Aqui são procuradas formas de combater estigmatizações, implementando uma relação mais próxima entre agentes da autoridade e gerações mais novas com o objetivo de romper ciclos geracionais de violência entre as comunidades e agentes da autoridade. O projeto “Gira no Bairro”, que tem como financiador o Programa Escolhas, do Alto Comissariado para as Migrações, pode ser visto como um passo na direção certa, um processo de policiamento de proximidade que possa contribuir para o estreitamento de laços entre a população de bairros sociais e os agentes da PSP (Reis, 2023).

Estes projetos de inclusão permitem que jovens entrem em esquadras da polícia e desmitifiquem uma visão que há tanto tempo contribui para o aumento do fosso entre as comunidades e as autoridades. O processo de policiamento de proximidade tem assim por objetivo quebrar ciclos geracionais de desconfiança, medo, violência e discriminação há muito perpetuados. “Para este grupo de jovens, os agentes são apenas o Marco e o André, com quem aprendem sobre segurança, com quem brincam, tratam a horta e com quem constroem sonhos” (Reis, 2023, p.7).

Contudo, este exemplo não se aplica a todas as regiões estigmatizadas e periféricas de grandes centros urbanos como em Lisboa. O sentimento de autoridade, acima mencionado como forma de manter a segurança, pode ser visto por uns como autoritarismo em zonas onde existe menos controlo no modo de atuação de forças de segurança. O uso de smartphones como forma de documentação de possíveis abusos de autoridade, assim como o crescimento da partilha em redes sociais, tem gerado ondas de protesto e aberturas de inquéritos disciplinares a agentes, acusados de discriminação a cidadãos, principalmente habitantes de bairros periféricos classificados como problemáticos. “Esta criminalização prévia retira-lhes o ‘poder da palavra’ e condena-os ao isolamento, num processo de segregação extrema alicerçado pela precariedade económica, discriminação racial e estigma territorial” (Raposo e Varela, 2017, p.12).

Otávio Raposo e Pedro Varela apontam para um diferente tipo de abordagem policial nestes ambientes retratados na sociedade como problemáticos, desde um uso

maior da força associados a sentimentos de impunidade, até à desumanização e criminalização de habitantes de zonas mais pobres das metrópoles. “(...) Eles (polícia) passam a ser detentores de uma (i)moralidade questionável (...) tornando as medidas repressivas (e abusivas) da polícia um recurso legítimo aos olhos da opinião pública” (Raposo e Varela, 2017, p.12).

A diferente abordagem por parte de agentes de autoridade, em concreto a PSP, deve-se à categorização “através do Relatório do Comando-Geral da PSP20 nº 48697, de 4 de junho de 1997” (Coelho, 2012), onde é explicado o que leva a categorizar um bairro dito “problemático”. As características que definem o que são Zonas Urbanas Sensíveis (ZUS) incluem “um conjunto de sete critérios, relacionados com as condicionantes arquitectónicas, com as características da população, com o historial do local em desordens e com a criminalidade imanente atinentes a classificar as ZUS” (Coelho, 2012, p.8).

Estes aspetos servem para auxiliar as autoridades quando é necessário intervir em zonas mais sensíveis ou de modo preventivo, de forma a envolver também os habitantes de determinada área prevenindo o aumento da criminalidade entre as comunidades “Estabelecendo parcerias, ou um elo de ligação entre os diversos servidos envolvidos, (...), contribuindo para a construção de uma segurança cidadã, que objetiva, de um lado, o trabalho integrado da polícia a essas comunidades e, do outro lado, a contenção e a prevenção da violência” (Tavares, 2013, p.18).

Portugal está entre os países onde não é permitido recolher dados sobre raças e etnia, comparativamente a países, como por exemplo, os Estados Unidos da América (EUA). “(...) Em Portugal não se incluem dados étnico raciais no recenseamento da população” (Carolino, 2023, p.6). Contudo, é possível obter informações relativamente a migrantes a partir de dados como a “naturalidade e residência” (Carolino, 2023, p.6).

No entanto, estes meios de atuação em certas regiões da capital baseiam-se por muitas vezes em critérios étnicos. Encontram-se descritos a densidade do bairro e os residentes com antecedentes criminais, sendo que vários investigadores já defenderam que os critérios para caracterização de ZUS devem ser revistos, uma vez que parecem desatualizados. A análise foi feita por Gorjão Henriques (2019), que, num artigo para o jornal Público, cita a antiga Secretária de Estado Adjunta e da Administração Interna, Isabel Oneto, que diz ser necessário reavaliar determinados critérios relativamente à

forma como é identificada uma ZUS. Oneto afirma que é importante entender o porquê de certas regiões serem consideradas problemáticas e o que pode ser feito para combater estas tendências em cooperação com comunidades locais e autarquias (Henriques, 2019). Já a antropóloga Susana Durão, também citada no mesmo artigo, afirma que existe uma ligação entre a “questão do policiamento da pobreza e da selectividade racial associados à segregação residencial” (Gorjão Henriques, 2019, p.5) e que o trabalho sobre o passado colonial foi feito com algum tempo de atraso, sendo que a polícia acaba por não ser o único ator que deve ser responsabilizado, envolvendo toda a sociedade e o seu papel na estigmatização e problematização destas áreas periféricas e antagónicas aos centros urbanos.

Em contexto da forma de atuação de critério das ZUS, a PSP não respondeu ao jornal Público sobre a possibilidade das diretivas de 2006 serem ainda aplicáveis no ano da notícia, que data de 2019. Contudo, a fonte noticiosa acedeu à avaliação de ZUS feita durante o ano de 2016, onde Gorjão Henriques (2019, p.3) afirma que “são referidos aspectos da composição étnica da população”. Já no ano passado, o então comandante do Comando Metropolitano de Lisboa, Luís Elias, admitiu em entrevista para o Diário de Notícias que a designação das ZUS era efetivamente “infeliz”, uma vez que caracteriza bairros de Lisboa e do Porto, o que faz com que a forma de atuação nestas zonas seja diferente e mais cerrada quando comparada a outras regiões das maiores cidades do país. Explica também que “os indicadores que são utilizados para tal classificação nem sequer estão aptos para avaliações de risco objetivas para permitir que a intervenção policial seja executada com (...) proporcionalidade e no integral respeito da lei” (Marcelino, 2024, p. 2).

Luís Elias afirmou que a eliminação da denominação das ZUS poderia ser o início de uma ponte entre os bairros sociais, muitas vezes descritos como problemáticos, e a PSP. No entanto, diz que o estreitamento de relações não será possível enquanto for perpetuado ódio e discursos inflamatórios contra estas mesmas comunidades, remetendo também para o papel do Estado nestas zonas, que acaba por ser nulo, não havendo investimento suficiente para que contribua para a dimensão da precariedade nestas mesmas regiões (Marcelino, 2024). Susana Durão reflete ainda sobre o facto dos critérios usados para identificação das ZUS não serem aplicados a outras áreas que não sejam bairros sociais. “Parece existir uma identificação estreita entre grupos étnico-sociais, imigração e pobreza” (Gorjão Henriques, 2019, p. 6).

A antropóloga Susana Durão fez uma visita a esquadras para entender a atuação das autoridades, neste caso da PSP, acompanhando de perto este mesmo trabalho. De cedo entendeu que existe o que parece ser uma hierarquia e pouca comunicação entre os agentes para partilha de conhecimentos sobre regiões que outros já detêm. “As primeiras, as exigências locais, atingiam frequentemente o âmago de identidades pessoais de polícias pouco ‘treinados’ para lidar com a heterogeneidade e os desafios da cidade” (Durão, 2011, p.134). Defende também que deve existir um contexto para o policiamento e um contacto próximo com os cidadãos, ou seja, “a aprendizagem da cidade está intimamente ligada à classificação de pessoas e de grupos de pessoas. Os polícias desenvolvem uma visão ‘sociointerativa’ da cidade” (Durão, 2011, p.137). O policiamento de proximidade parece ser feito de forma mais prolongada em bairros com melhores condições, mais calmos e menos violentos.

Os bairros de classe média acabam por ter mais policiamento de prevenção e proximidade. Já os bairros sociais vistos como problemáticos só têm intervenção policial em emergências ou quando é pedido por superiores. A manutenção da segurança e prevenção é então mais vista em comunidades de classe média, menos ligada a atividade criminosa. “O estudo da polícia e do policiamento hoje envolve necessariamente novos problemas sociológicos e macropolíticos. Todo o campo da segurança e da justiça criminal está em rápida transformação” (Durão, 2011, p. 147).

Os media e principais fontes noticiosas foram também importantes para a caracterização destas mesmas regiões periféricas na Área Metropolitana de Lisboa (AML) associando crimes a camadas mais jovens e a habitantes destes mesmos bairros sociais e contribuindo para a construção de um imaginário que já remontava à época colonial, mas que se adensou com a descrição da comunidade que habita as periferias de centros urbanos. “A representação desses territórios como espaços de tensão e desordem consolidou-se a partir da mediatização da sua juventude (dos habitantes dos bairros), quando as agendas políticas e mediáticas se aliaram na responsabilização dos jovens negros pelo suposto aumento da violência urbana” (Raposo et al., 2019, p.12).

4. Os media e os bairros sociais

Os meios de comunicação social com orientação jornalística são vistos como a principal e mais fidedigna fonte de informação para ficar a par sobre o que se passa na

sociedade e no mundo. As mensagens transmitidas por canais noticiosos produzem determinado conteúdo, contudo, a sua descodificação é mais complexa e irá depender da autonomia do recetor da mensagem (Hall, 1973). A influência dos meios de comunicação social pode ser significativa, mas irá apoiar-se em outras estruturas sociais.

Portugal, assim como outro país da União Europeia (UE), na década de oitenta, tornou-se num espaço de acolhimento de imigrantes, o que levou posteriormente a que um dos focos dos estados-membros fosse estabelecer políticas de públicas que promovessem a não discriminação assim como uma melhor integração na sociedade europeia, incluindo a obtenção de cidadania “não só dos países onde vivem, mas também à cidadania europeia” (Ferin, 2009, p.192). Contudo, nos meios de comunicação social, as notícias na sua maioria acabavam por cobrir casos de imigração ilegal e deportação de imigrantes que se encontravam em centros de acolhimento.

Isabel Ferin (2009), analisando dados do European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia (EUMC), afirma que os canais de comunicação acabam por ter um “papel importante (...) na formação da opinião e nas atitudes perante a compreensão da diversidade” (p. 193), podendo por um lado promover uma maior inclusão dentro das comunidades ou contribuir para o aumento do fosso entre culturas. Apesar de grande parte dos europeus reconhecer que existe maior dificuldade por parte de imigrantes para integrarem o “mercado de oportunidades”, sondagens do Eurobarómetro também indicam que “a hostilidade para com os imigrantes deriva não só de condições objectivas (...) como de condições subjectivas, tais como as expectativas e as opções ideológicas” (Ferin, 2009, p.194).

Os media são essenciais na construção de representações de grupos sociais, em particular minorias, imigrantes ou pessoas que vivem em bairros nas periferias, contribuindo, por vezes, para a sua estigmatização e representação deturpada. Em Portugal, um dos casos que mais marcou o início do século foi o alegado arrastão de Carcavelos, em 2005. Vários meios de comunicação social, baseando-se em dados policiais, publicaram inúmeras notícias sobre os cerca de 500 jovens de origem africana, oriundos de bairros periféricos da AML, que teriam assaltado e agredido pessoas que se encontravam no areal.

A informação veio, posteriormente, ser desmentida por fontes policiais, atualizando o número de assaltantes para trinta. Por outro lado, a AACS considerou que

os noticiários que relataram o sucedido, transmitiram “‘uma versão deturpada e enganadora’ dos acontecimentos” (Carvalho, 2008, p.309). O episódio do arrastão foi um exemplo de hipermediatização e reação social, devido à cobertura excessiva por parte dos média, que influenciou a percepção pública e colocou em causa um tema importante para a sociedade, já abordada neste capítulo, a segurança.

José Ricardo Carvalho (2008) salienta que termos como “jovens africanos” ou “imigrantes de segunda geração” contribuem para esse mesmo fosso e divisão clara entre grupos minoritários e a maioria nacional, considerada “normal”, marginalizando cada vez mais minorias, ao associá-las a certas culturas e a comportamentos negativos. Considerando apenas o papel da comunicação social durante o episódio, as principais fontes noticiosas contribuíram para a perpetuação de estereótipos e de uma visão coletivizada e homogénea de jovens de origem africana (Carvalho, 2008).

Os média são então responsáveis pela construção das imagens dos outros que vêm de fora, vistos quase como “parasitas”, amplificando a sensação de medo dentro da sociedade, e desencadeando ciclos de pânico moral que “são geralmente concebidos como acontecimentos inesperados que provocam uma reação extrema que, por sua vez, é geralmente entendida como uma expressão dos limites da diversidade que a sociedade pode tolerar” (Greer e Jewkes, 2005, p.6-7).⁵ Estes casos fazem com que a sociedade reaja de forma desproporcional a questões de crime, perpetuando a exclusão social. O tipo de linguagem adotada acaba por ser descrito, no ponto de vista de Carvalho (2008), como um “novo racismo”, que se expressa de forma mais subtil, diferente do racismo clássico, sendo considerado por muitos “mais aceitável”.

A cobertura noticiosa de determinados casos, assim como a linguagem utilizada, molda por diversas vezes a percepção do público, nomeadamente, em questões relacionadas com as periferias e a imigração. “A representação discursiva dos imigrantes determina, com efeito, tanto a forma como eles são percebidos e tratados na sociedade, como a própria forma como eles se percebem a si próprios” (Silveirinha e Cristo, 2004, p.121). Momentos de grandes mudanças ou de tensão, como foi a morte de Odair Moniz, podem levar a uma polarização de opiniões de uma população que associa o aumento da criminalidade a “outsiders”, vistos como possíveis ameaças à sua segurança. “O discurso

⁵ Versão original: “Moral panics are commonly conceived as events which happen out of the blue and provoke an extreme reaction which, in turn, is usually understood as an expression of the limits to the amount of diversity that society can tolerate.”

jornalístico constrói episódios e ‘histórias’ que focalizam as questões da imigração, remetendo-as para acontecimentos que, na verdade, são expressão de uma problemática política, social e cultural maior” (Silveirinha e Cristo, 2004, p.121).

Os media tiveram uma importância na caracterização de bairros sociais e na forma como leitores e a sociedade portuguesa identificam os imigrantes provenientes de ex-colónias, e em como formam a imagem destas comunidades que se encontram nas periferias das grandes cidades do país, Lisboa e Porto. Acreditava-se que o PER iria resolver as questões dos bairros de lata que proliferavam à beira dos grandes centros urbanos nas últimas décadas do século XX, mas a imagem refletida acabava por estar sempre associada ao aumento de delitos. “O bairro é, muitas vezes, reduzido a uma construção imaginária estereotipada que se torna hegemónica e é difundida e amplificada mediaticamente, na qual os seus habitantes, sobretudo os jovens, são vistos como seres potencialmente ameaçadores para a ordem social vigente” (Macedo, 2022, p.56). As habitações construídas com o objetivo de destruição dos guetos formam, à margem dos grandes pontos urbanos, fronteiras “físicas e imaginárias entre o centro e a sua periferia” (Alves, 2016, p.96). As periferias, vistas como manchas na sociedade e associadas sempre ao nível de criminalidade, começaram a ser cada vez mais estigmatizadas pelos principais canais mediáticos.

Ana Rita Alves (2016) aponta para a “persistência do racismo institucional” e a sua relação entre as regiões vistas como civilizadas em comparação com bairros sociais associados ao tempo colonial. Criou-se uma “fronteira sociopolítica” e um ideal do contraste dos bons modos europeus e do pouco civismo demonstrado pelos que rumavam a Portugal, vindos de África. A antropóloga, focando a sua análise na cidade de Lisboa, afirma que os media também desempenharam um papel na descrição destes mesmos grupos, criando um imaginário e consequentemente aumentando sua estigmatização.

A cobertura mediática sobre esta população começa a ganhar uma entoação negativa, associando grupos provenientes de países africanos ou outras minorias do sul global ao aumento do crime, sendo estes vistos como uma ameaça à segurança nacional. “Este fenómeno pode ser entendido como ênfase étnica e tem um efeito difuso na forma

como os meios de comunicação social influenciam as suas audiências nas suas percepções das questões sociais”⁶ (Kulaszewicz, 2015, p.12).

A linguagem utilizada por fontes de informação para descrição de imigrantes pode contribuir para um aumento de sensação de insegurança. O facto de os crimes violentos serem associados a uma certa nacionalidade acaba por cimentar uma narrativa, contribuindo para a estigmatização destes mesmos grupos. “Verdade ou não, estas histórias, enraízam-se na consciência pública e não podem deixar de influenciar a forma como as pessoas se percebem umas às outras”⁷ (Allan, 2010, p.35). As descrições feitas e perpetuadas desta forma pelos média levam a que as áreas periféricas sejam vistas como “Barris de pólvora” ou “zonas sensíveis”, algumas das palavras utilizadas para a descrição destes mesmos locais, onde o discurso mediático é parcialmente acusado de contribuir para a exclusão destas comunidades (Allan, 2010).

O cientista social João Ferreira Dias centra-se na sociedade portuguesa, e nos problemas sistémicos que contribuíram para segregação, desde políticas socioeconómicas, à marginalização e discriminação de grupos raciais, assim como a sua associação aos guetos e exclusão social. Novamente a ideia de *nós versus eles*, onde a única representação do estado nestas comunidades acaba por ser o policiamento em momento de maior tensão, contribuindo para um grau de afastamento maior entre o centro e as periferias. “Para muitas destas comunidades, a polícia é o único representante do Estado, o que fomenta estereótipos e ressentimentos”⁸ (Dias, 2024, p.2).

No fundo, os média desempenham um papel fundamental na formação de reputações negativas. Reportagens frequentemente reforçam estigmas associados a locais como bairros sociais, contribuindo para a percepção menos positiva de um público considerado externo, e não enquadrado na sociedade, o que leva a que sejam criadas construções unidimensionais sobre as realidades das franjas da cidade. Estas questões, são por diversas vezes, abordadas de forma “leve” (Alves, 2004), e negligenciam aspetos mais profundos e complexos que não são evidenciados na cobertura das notícias, desde questões sociais, como pobreza e desemprego. Consequentemente podem levar à

⁶ Versão Original: This phenomenon can be understood as ethnic emphasis, and it has a diffuse effect on how media influences its audiences in their perceptions of social issues.

⁷ Versão original: True or not, these stories sink deep into public consciousness and can't help but influence the way people perceive each other.

⁸ Versão original: For many in these communities, the police are the sole representatives of the state, fostering stereotypes and resentment.

desumanização, no sentido em que, caso seja algo negativo, pode acentuar discriminação e preconceito para com os mesmos (Silveirinha e Cristo, 2004).

A sociedade acaba por ser orientada por mapas de sentido, seguindo a forma como a imigração é descrita pela cobertura mediática, que configura a percepção das pessoas relativamente ao tema. Regressando à análise levada a cabo por Isabel Ferin (2009), estes mapas de sentido começam a ser reorganizados ao longo do tempo. Os definidores primários, descritos como autoridades políticas ou forças de segurança, podem influenciar os meios de comunicação, e estas interações podem resultar em narrativas que se venham a acentuar ou minimizar diferenças culturais e estigmatizações relativamente a minorias. Isso pode também alterar a forma como a sociedade vê as minorias étnicas, se como uma ameaça, ou se parte fundamental para a promoção da diversidade cultural. Contudo, apesar de começarem a existir mudanças relativamente à abordagem do tema “imigração”, parecem persistir tensões que refletem conflitos de interesse, preconceitos e herança cultural da sociedade. Os mapas de sentido podem então diminuir ou promover estruturas de poder e desigualdade.

“Neste confronto pelos mapas de sentido no campo das representações das imigrações e minorias, fazem-se representar interesses do Estado e do Governo, interesses populares, políticos, económicos e religiosos, portadores de diferentes ansiedades, expectativas e medos.” (Ferin, 2009, p.198)

Os canais de comunicação social moldam as percepções públicas sobre grupos étnicos e consolidam por muitas vezes estereótipos e preconceitos, uma vez que a maioria da população acaba por não ter experiências diretas com estas comunidades, sendo que a única informação recebida sobre as mesmas é através de amostras de notícias documentadas pelos media (Djik, 2012). As fontes confiáveis continuam a ser “jornalistas e comentadores especialistas em certas matérias” (Pais, Felgueiras, Rodrigues, Santos e Varela, 2015, p.496).

A procura por uma boa história torna-se um ponto importante, visto que o objetivo é contribuir para o aumento de audiências para prevalecer face à concorrência. Casos que apresentem elevados níveis de conflito prevalecem comparativamente a histórias “genuinamente importantes sobre consenso e conciliação” (Goldman, 1999, p. 341). A produção de manchetes associando minorias étnicas ao aumento da criminalidade atraem a atenção do público em geral. “Esta exacerbação dos sentimentos, em especial as

emoções relacionadas com o discurso sobre o crime e a justiça (...) é um elemento fundamental nas notícias, uma vez que a sociedade em geral é convidada a ligar-se emocionalmente às histórias narradas” (Gomes, 2011, p.4).

O apelo emocional acaba por ser considerado por Silvia Gomes (2011) um ponto fundamental para reter a atenção do leitor, levando a gerar pânico e posteriormente ao aumento do consumo de notícias com génese mais sensacionalista (Devereux, Haynes e Power, 2011).

Os principais canais de informação podem também decidir que questões são consideradas importantes, e como é que podem ser apresentadas, levando um certo tipo de narrativa a ser priorizado em detrimento de outra. Além de influenciar a forma como a sociedade os observa, os média condicionam também a forma como as próprias comunidades se veem a si mesmas. A exposição repetida de representações negativas pode resultar inclusive na normalização de atitudes racistas e preconceituosas para com as comunidades que habitam bairros sociais. As fontes de informação não só relatam a realidade, como também podem construir narrativas, influenciando atitudes e comportamentos (Djik, 2012).

No entanto, também comentadores e figuras políticas podem contribuir para o molde de determinada narrativa, relacionando o aumento da criminalidade a bairros sociais e justificando o modo de atuação, por vezes violento, das forças policiais. (Marques e Ramos, 2020). As escolhas das histórias que vão ser contadas formam imaginários, por diversas vezes utilizados por políticos para apoiar as suas próprias agendas. Considerando a cobertura de notícias com teor negativo e relacionadas com crime por parte de imigrantes, a implementação de medidas com carácter mais punitivo para com estes grupos torna-se justificável. A forma como certos indivíduos são descritos pelas fontes de informação impacta as políticas públicas, e funcionam como catalisadores para as preocupações da população em geral, refletindo-se posteriormente em ações políticas.

A agenda da comunicação social pode mobilizar a opinião pública a favor ou contra certas medidas, e por isso, quando são cobertas crises sociais, os políticos podem usar esta narrativa dos meios de comunicação social para capitalizar a sensação de medo e insegurança, apelando à urgência para implementação de políticas públicas, à custa da

exclusão social. Os meios de comunicação social não apenas moldam a opinião da audiência, como também influenciam decisões e políticas.

No estudo levado a cabo por Ade Kearns, Oliver Kearns e Louise Lawson (2013), é sugerido que os media devem ser responsabilizados pela maneira como representam certas comunidades. As narrativas feitas sem consideração ao próprio contexto da situação e questões sociais levantam dúvidas sobre a ética do próprio jornalismo, responsável por representar à partida e de forma fidedigna e justa as realidades sociais. Os jornalistas desempenham um papel crucial na forma como as narrativas são construídas e devem ser críticos em relação às fontes que utilizam, assim como as histórias que escolhem contar, tendo também de estar atentos a preconceitos que podem influenciar a própria cobertura. No entanto, por diversas vezes, acabam por ceder a pressões comerciais que prezam maior quantidade de notícias negativas, em detrimento das positivas (Djik, 2012).

A existência de representatividade torna-se essencial dentro dos meios de comunicação social, uma vez que permite que habitantes das próprias comunidades possam narrar as suas histórias de forma a contrariar um imaginário construído sob uma perspetiva maioritariamente branca. A seleção das fontes e a forma como os episódios são contados influencia a representação dos grupos, ou seja, a falta de vozes de minorias contribui para uma imagem distorcida e negativa de bairros periféricos (Djik, 2012). Os média por outro lado poderiam promover a incorporação de diferentes vozes, mais diversificadas de modo que a narrativa seja mudada, fator que, no entanto, não é observável em todos os meios de comunicação (Carvalheiro, 2008).

O caso da morte de Odair Moniz ganhou grande mediatismo nos principais canais noticiosos devido a elementos que se tornam relevantes: a morte de uma pessoa negra, naturalidade cabo-verdiana, migrante e habitante de um bairro social, morto por um agente da autoridade. São termos que, quando se considera o que já foi explorado até aqui, iriam potencialmente gerar uma onda de revolta, trazendo o termo “racismo” para cima da mesa, e por outro lado, associar Odair Moniz ao crime, levantando questões sobre as motivações que terão levado o agente da PSP a atirar sobre o mesmo, considerando que este teria agido como ferramenta do Estado para manutenção da ordem e segurança.

É um episódio cuja cobertura mediática traz também para debate público um tema fraturante, que envolve principalmente as comunidades periféricas. Um assunto que

ganhou mediatismo suficiente para integrar a agenda não só dos média, mas como também de partidos políticos que podem usar o episódio para apoiar medidas que queiram ver implementadas, mas reforçando também as próprias narrativas que sustentam a gênese e base na qual se cimentam.

Capítulo III: Âmbito do estudo e Metodologia

1. Âmbito do estudo

A madrugada de 21 de outubro de 2024 ficou marcada pela morte de um cidadão cabo-verdiano, baleado por um agente da polícia no bairro da Cova da Moura. De acordo com fontes oficiais da PSP, Odair Moniz ter-se-á colocado “em fuga” após ter avistado um carro de patrulha quando saía do local onde se encontrava, acabando por cometer, segundo a acusação, uma infração de trânsito ao transpor um traço contínuo.

Seguiu-se uma perseguição por parte dos dois agentes, que só parou quando Odair embateu contra três viaturas. O mesmo terá resistido à detenção e um dos polícias acabou por disparar duas vezes para o ar. A tensão continuou a escalar, passando-se para um confronto físico entre os envolvidos. De acordo com o auto de notícia emitido na altura pela PSP, o homem terá recorrido ao uso de uma arma branca para agredir os dois agentes e, numa tentativa de defesa, um deles dispara então duas vezes sobre Odair que não resiste e morre no Hospital São Francisco Xavier, em Lisboa. Estas são informações que constam no depoimento oficial da PSP, contestadas pela SOS Racismo e pelo movimento Vida Justa, que pediram uma investigação “séria e isenta” do episódio.

Por outro lado, a Polícia Judiciária (PJ) admitiu existirem incongruências no documento emitido pela PSP, relativamente à existência de um punhal de 15 centímetros usado por Odair Moniz, e não afasta a possibilidade de a arma ter sido plantada no local. O testemunho do agente que baleou Odair, das pessoas que se encontravam na zona, assim como as imagens de videovigilância disponibilizadas durante o mês de fevereiro, contrariam o auto de notícia enviado pela PSP ao Ministério Público (MP). As imagens confirmam que houve confronto e resistência à detenção, mas contestam a existência de uma arma branca alegadamente usada pelo cidadão cabo-verdiano.

O MP acusou o agente da PSP de homicídio e a Inspeção-Geral da Administração Interna (IGAI) confirmou um processo disciplinar contra o mesmo, assim como a suspensão de funções. O caso de Odair Moniz foi um episódio que gerou polémica, não

só pela morte em si, mas por ter envolvido uma pessoa negra e um agente da PSP, trazendo para debate público termos como “racismo”, “violência policial” e “bairros sociais”.

Partindo da experiência de estágio na News Now e tendo em conta a articulação do mesmo com a elaboração de um trabalho de natureza científica, pretendemos responder à seguinte pergunta de investigação: ***De que maneira é que o website do canal News Now cobriu jornalisticamente a morte de Odair Moniz?***

Tendo em conta esta pergunta de pesquisa, os nossos objetivos foram os seguintes:

1. Perceber a relevância dada à cobertura jornalística deste acontecimento, nomeadamente através do número de publicações feitas no website do canal News Now.
2. Compreender as temáticas, os protagonistas e as fontes de informação utilizadas na cobertura deste caso.

2. Metodologia

A escolha e a dimensão do intervalo temporal, entre outubro de 2024 e janeiro de 2025, para a recolha e análise das peças jornalísticas publicadas no website do canal News NOW justificam-se pela sua relevância em termos de frequência de cobertura do caso (coincidindo, em grande parte, com o meu período de estágio), cobrindo um significativo período de mais de três meses.

A realização desta pesquisa combinou uma abordagem metodológica quantitativa (análise de conteúdo das peças recolhidas nesse período) com uma entrevista semiestruturada a uma das jornalistas que integra a equipa do website.

Contudo, durante a recolha das notícias, deparei-me com o seguinte obstáculo:

- Quando comecei a recolher as publicações do website, não existia, como mencionado no capítulo I, um bloco de notícias específico sobre um tema, neste caso, sobre a morte de Odair Moniz. Também havia a ausência de uma barra de pesquisa que me permitisse procurar notícias relacionadas com o episódio, o que me levou a adotar o método “*scroll down*” (deslizar para baixo), para ir recolhendo uma a uma, publicações feitas em três meses, sobre o tema.

Estas questões foram entraves para a análise, uma vez que todas as notícias até à data de recolha foram publicadas na única secção existente: “Últimas Notícias”. Este fator pode ter levado a que algumas publicações passassem despercebidas durante a investigação, não obstante toda a atenção e rigor na coleta de notícias. De considerar que até à data da entrevista (24 de março de 2025), as alterações recentemente feitas ao website ainda não tinham sido implementadas.

3. Dimensões e variáveis de Análise

A presente pesquisa teve em conta uma dimensão de análise de identificação/formal e uma dimensão de análise temática.

A **Dimensão da Forma** divide-se em três variáveis:

- Data (para analisar quais os dias com mais publicações sobre o tema);
- Autoria (para avaliar se a notícia foi assinada pelo jornalista, agência noticiosa, ou se não tem autor);
- Género jornalístico (para verificar qual dos géneros foi mais utilizado – reportagem, peça, vivo ou notícia⁹)

A **Dimensão Temática** divide-se em três variáveis:

- Protagonistas (para examinar que personalidades e/ou entidades foram mais mencionadas em cada peça)
- Fontes (para averiguar informações adicionais que tenham sido dadas por intervenientes mencionados em peças, vivos ou notícias, como o presidente da república ou comunicados da PSP)
- Tema Central (para investigar que temas tiveram mais cobertura; neste caso, utilizamos uma abordagem indutiva para delimitar as seguintes categorias:

⁹Na categoria do “Género jornalístico” foram consideradas, “peças” os vídeos que têm menos de 10 minutos e “reportagens” os vídeos com mais de 10 minutos. Já os “vivos” são todas as notícias que apresentam vídeos com depoimentos, quer de figuras políticas, de moradores ou mesmo de instituições como a PSP, não apresentando uma narração, como é o caso das peças. Por fim, as “notícias” são todas as publicações feitas sem qualquer tipo de suporte de vídeo, ao contrário das duas primeiras.

“Tumultos”, “Morte Odair Moniz”, “Manifestações”, “Polémica do CH”, “Visitas PR”, “Outros”).

Capítulo IV- Análise e Discussão dos Resultados

O seguinte capítulo irá servir como base exploratória para responder à pergunta de investigação: “De que maneira é que o website do canal News Now cobriu jornalisticamente a morte de Odair Moniz?”. Está dividido em duas dimensões, forma e conteúdo, e a sua análise centra-se na estrutura das peças jornalísticas publicadas, a frequência, as temáticas presentes nas peças jornalísticas assim como os protagonistas ou instituições que surgiram nas mesmas. Tal como exposto no capítulo anterior, investigação contou com um corpus constituído por 93 publicações; de modo a responder à pergunta de investigação, optámos por interpretar os dados em conjunto com a entrevista feita à jornalista do website do Now, Joana Ramalho.

Segue-se a discussão dos dados obtidos e, por fim, optámos por realizar uma análise exploratória e qualitativa a seis peças redigidas e assinadas por jornalistas do Now, com foco temático no evento da morte de Odair Moniz. O tema em questão é importante não só por envolver a morte de um cidadão por parte de um agente da autoridade, que representa o conceito de segurança num Estado social, mas também pelo facto de envolver grupos quase antagónicos - de um lado, um cidadão de etnia negra, morador de bairros periféricos e, de outro, um agente da autoridade. É, assim, fundamental compreender, de modo qualitativo, como é feita a caracterização dos mesmos por parte dos media e, neste caso em específico, do News Now.

1. Dimensão da Forma

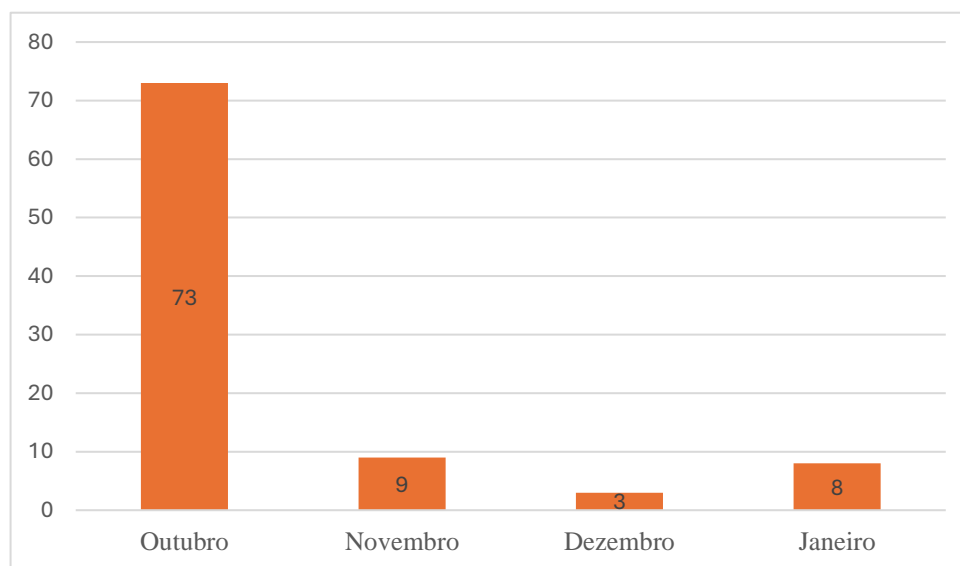
A análise da dimensão da forma é composta por três variáveis: data, autoria e género jornalístico. Procurámos, assim, averiguar a frequência de publicações feitas, por quem foram assinadas e qual o género jornalístico dominante.

Como é possível observar no gráfico 1, em outubro foram feitas 73 publicações, que se explicam por ter sido o mês em que o episódio se sucedeu, seguindo-se semanas

de tumultos registados em toda a área metropolitana de Lisboa. Novembro observou uma grande descida em termos de peças partilhadas no website, contando apenas com 9, uma vez que o tema havia começado a perder alguma relevância comparativamente a outros assuntos que começavam a emergir nessa mesma altura, ganhando espaço no debate público. Durante o mês de dezembro teve apenas 3, visto que ainda não existiam grandes avanços ou novidades sobre o processo, incluindo um resumo do que havia sucedido através de uma reportagem. Tal como explica Joana Ramalho, jornalista do website do *Now*, “focámo-nos principalmente no decorrer das investigações relacionadas com a situação e com todos os outros incidentes que ocorreram. Íamos também fazendo cronologias sobre as situações que iam ocorrendo e resumos do acontecimento dessa madrugada.”

Já no início do ano, em janeiro de 2025, houve uma subida para 9 publicações, altura em que a Inspeção-Geral da Administração Interna confirmou um processo disciplinar contra o agente que disparou sobre Odair Moniz, de 43 anos.

Gráfico 1. Publicações feitas ao longo dos meses

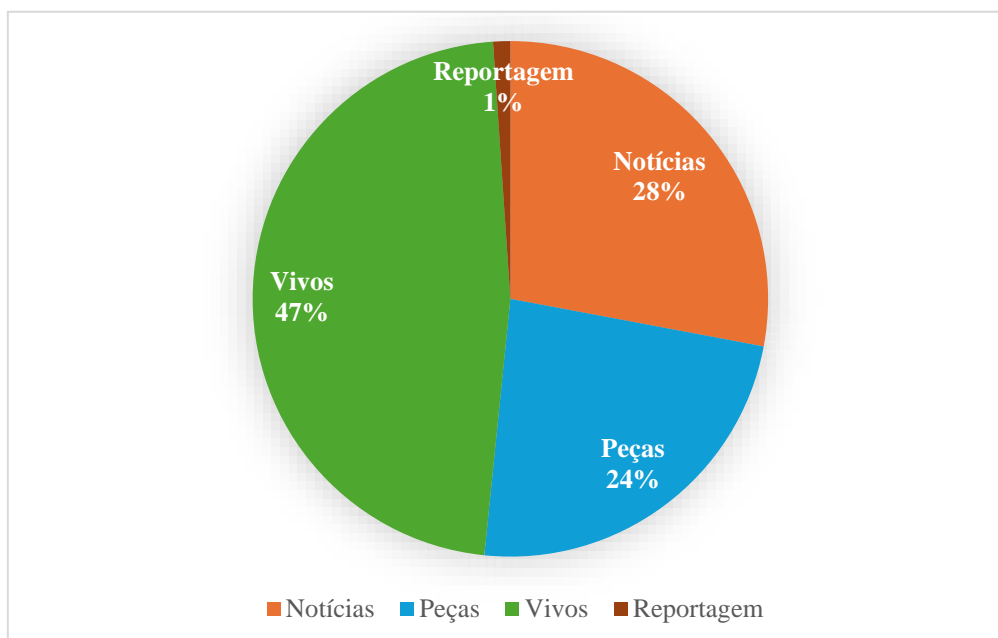


O dia em que foi registado o maior número de publicações foi a 23 de outubro, dois dias depois do assassinato de Odair Moniz. O segundo dia com maior número de publicações foi a 26 de outubro, período em que ocorreram duas manifestações, uma organizada pelo movimento Vida Justa e pela associação SOS Racismo, e outra pelo

partido Chega. Um dos objetivos deste trabalho consiste em examinar a relevância que o Now deu ao caso “Odair Moniz”. Para Joana Ramalho, a visibilidade noticiosa deste caso relaciona-se com o facto de o canal abordar temas que são trazidos para debate público e que estão, evidentemente, na ordem do dia: “A avaliação acaba por ter que ver com a atualidade e com os temas que tomam maior proporção no debate público, e que mais se relacionam com a imagem do Now. Tudo o que se relaciona com a política e com o mundo, acabam por ser ‘prioridades’ para o canal.”

Através do gráfico 2, é possível observar que o género jornalístico mais utilizado foram os “Vivos”, que contam, na sua maioria, com a presença de fontes como figuras políticas, comentadores, moradores ou associações que reagiram aos episódios que se sucederam à morte do morador do Bairro do Zambujal. A jornalista do Now explica que a notoriedade da fonte é um critério de noticiabilidade; no caso de Odair Moniz isso não foi exceção: “Ministros são sempre a prioridade, assim como presidente da República, presidentes de câmara como Carlos Moedas e líderes de partidos políticos com maior visibilidade no parlamento, como o Partido Socialista ou o Chega. Sei que mencionámos associações, mas estes protagonistas foram os que tiveram maior destaque.”

Gráfico 2. Género Jornalístico

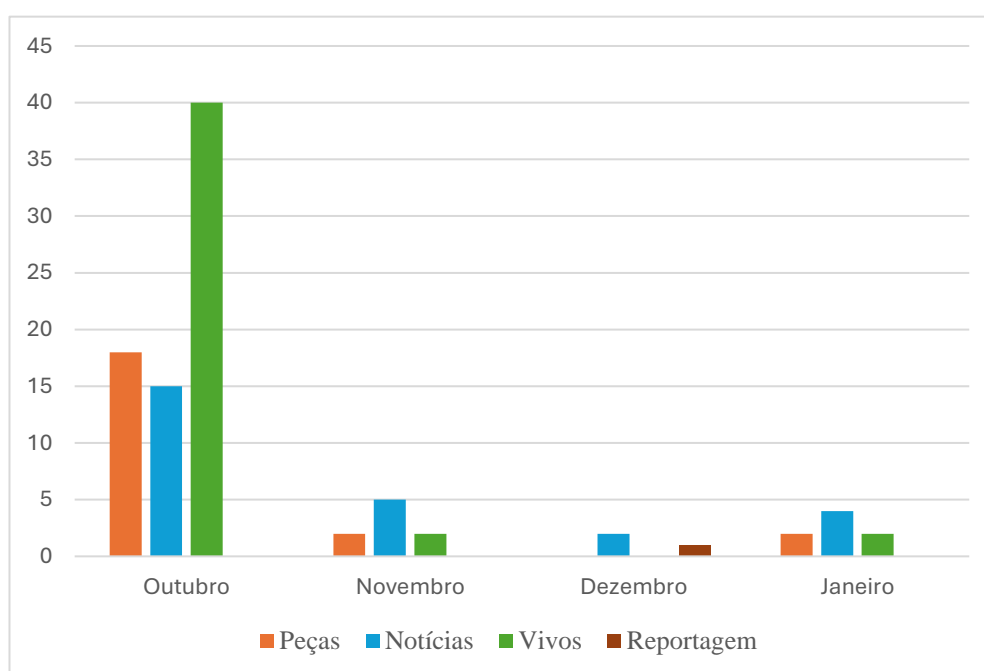


Observando o gráfico 3, foi possível concluir que outubro foi o mês em que foram publicados mais vivos, seguindo-se as notícias e posteriormente as peças. Já o mês de

novembro registou o maior número de publicações do género “Notícias” e um número igual de “Peças” e “Vivos”. Já dezembro contou apenas com duas peças, tendo sido este o género jornalístico dominante. Foi feita uma única reportagem feita sobre este episódio, com o título “O NOW visitou o Bairro do Zambujal e foi conhecer as histórias de quem dá vida à comunidade todos os dias”. Janeiro foi um mês em que o género dominante foram as “Notícias” e em que as peças e os vivos tiveram quantidades iguais de publicações.

As publicações feitas no website de forma geral não foram assinadas, estando identificadas como “Redação”. O segundo maior volume de publicações foi assinada por jornalistas que trabalham na equipa da TV e no site. Já a “Lusa” ocupa a terceira posição em termos de autoria das publicações feitas no website, e por último, temos o destaque para “MediaLivre”, que representa as marcas que fazem parte do grupo - neste caso, as duas publicações restantes são da autoria do jornal Correio da Manhã e da revista Sábado.

Gráfico 3. Género Jornalístico ao Longo dos Meses

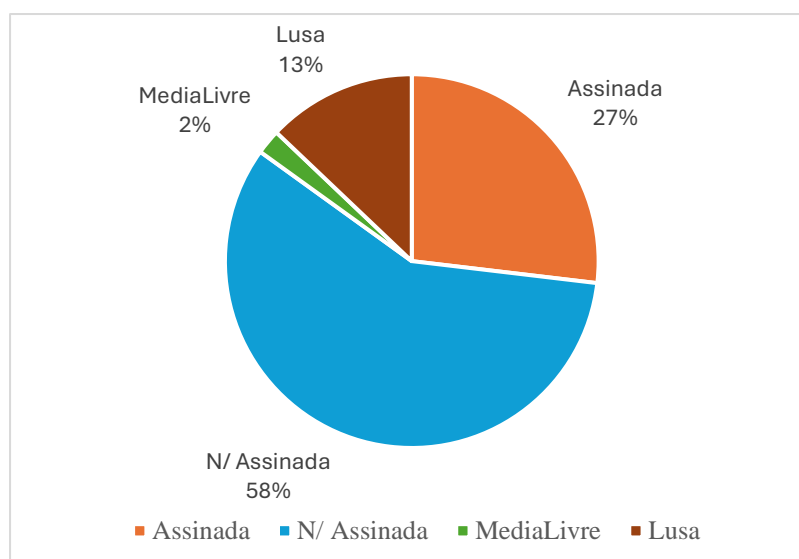


Como observado no gráfico 3, o género jornalístico dominante no mês de outubro são os “Vivos”, uma vez que se conta com a análise de comentadores, analistas, figuras políticas, membros da comunidade e associações. São declarações feitas por pessoas e

entidades que trazem o tema para a esfera pública, aumentando a sua relevância no debate político sobre o mesmo. Já em novembro, são as “Notícias”, uma vez que o foco público sobre o caso estava menos aceso, seguindo-se na sua maioria atualizações sobre a investigação em curso. Dezembro contou com “Notícias”, dando seguimento à investigação, e com uma única “Reportagem”, decorrida no Bairro do Zambujal. Já no mês de janeiro de 2025, o género dominante foram as “Notícias”, considerando que o caso já estava mais perto de ser concluído.

Relativamente às peças identificadas como “Lusa”, são publicações retiradas diretamente da agência noticiosa, que partilha informação utilizada como base por outros meios de comunicação social, incluindo o Now. “No website publicamos todas as peças produzidas pelos colegas da equipa de Televisão e estamos também responsáveis pelas redes sociais. Além disso, usamos fontes noticiosas, como a agência Lusa, para pesquisar temas sobre os quais temos pouco acesso, de modo a fundamentar a nossa análise - escolhemos cerca de cinco publicações que sejam pertinentes para o quadro de notícias do canal”, explica Joana Ramalho. Por fim, as da autoria MediaLivre, como mencionado acima, são as que são da autoria de canais pertencentes ao grupo.

Gráfico 4. Autoria



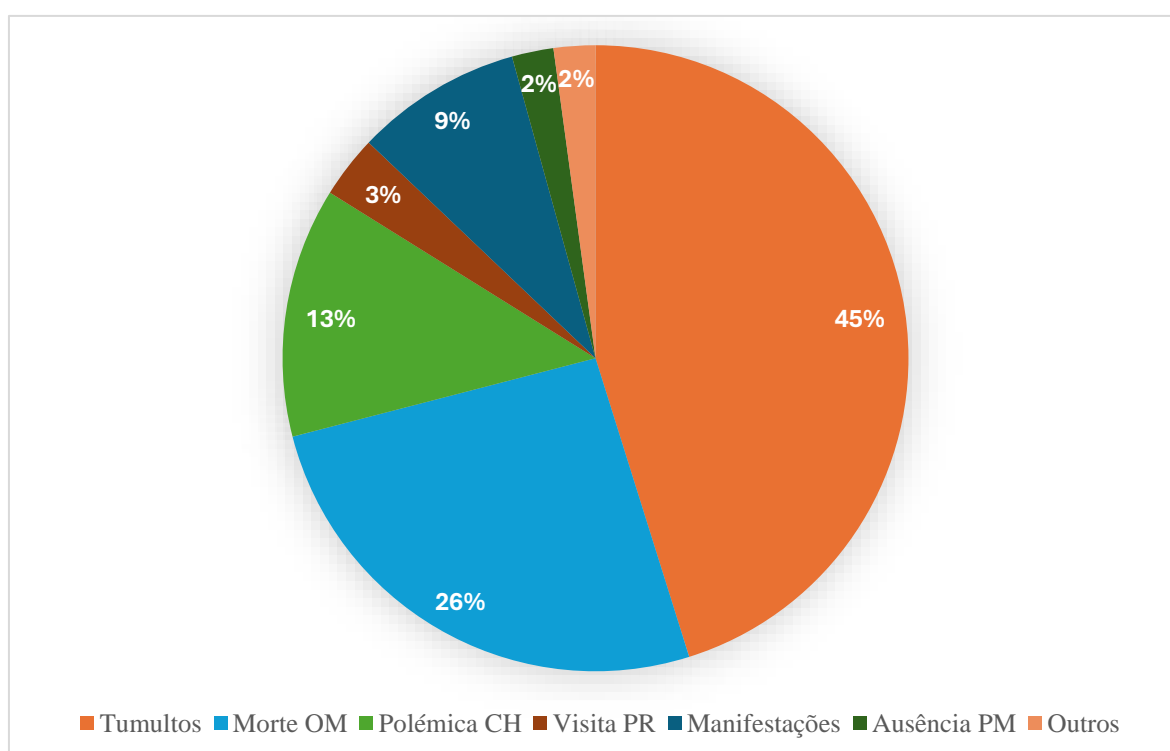
A jornalista Joana Ramalho acrescenta que existe uma preferência por estas notícias. “Contudo, também temos preferência por conteúdo produzido diretamente no

Now, ou por outros grupos pertencentes à MediaLivre, como é o caso do Correio da Manhã, ou do Record.”

2. Dimensão do Conteúdo

Esta secção tem como objetivo analisar os temas, protagonistas e fontes principais. Como é possível observar no gráfico 5, o tema mais abordado durante a cobertura jornalística sobre o caso de Odair Moniz foram os “Tumultos” que se sucederam na área metropolitana de Lisboa, após o homem de 43 anos ter sido baleado por um agente da PSP na Cova da Moura. Como explica a jornalista Joana Ramalho, “a certa altura o foco já começava a ser em torno dos grupos responsáveis pelos tumultos e posteriormente o motorista do autocarro da Carris, vítima desses mesmos desacatos. O caso em si estava a gerar uma polémica grande, trazendo para cima da mesa temas como ‘desigualdade’ e ‘racismo’, e desencadeou uma discussão maior nesse sentido. A certa altura, já se estava a ‘fugir’ da morte de Odair Moniz em si. O episódio foi uma abertura para uma discussão de questões já existentes na sociedade.”

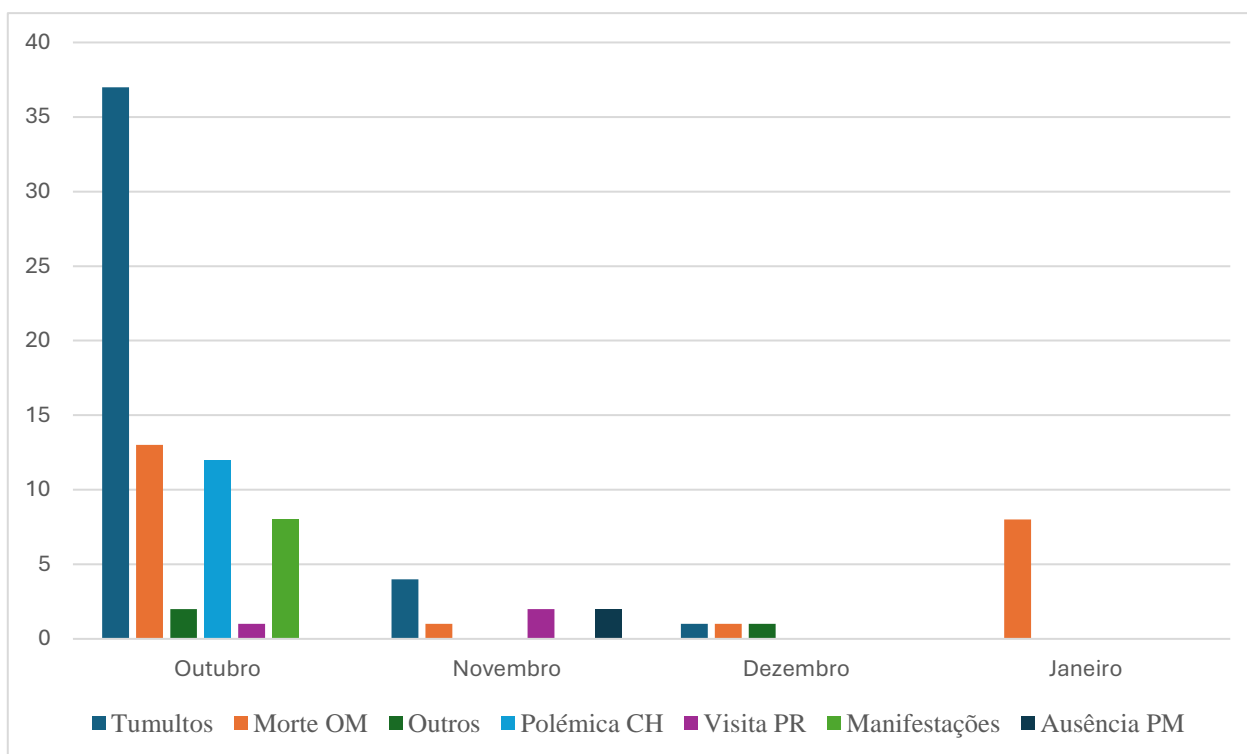
Gráfico 5. Temas Centrais



As principais temáticas dividem-se assim em seis categorias e as suas definições são as seguintes:

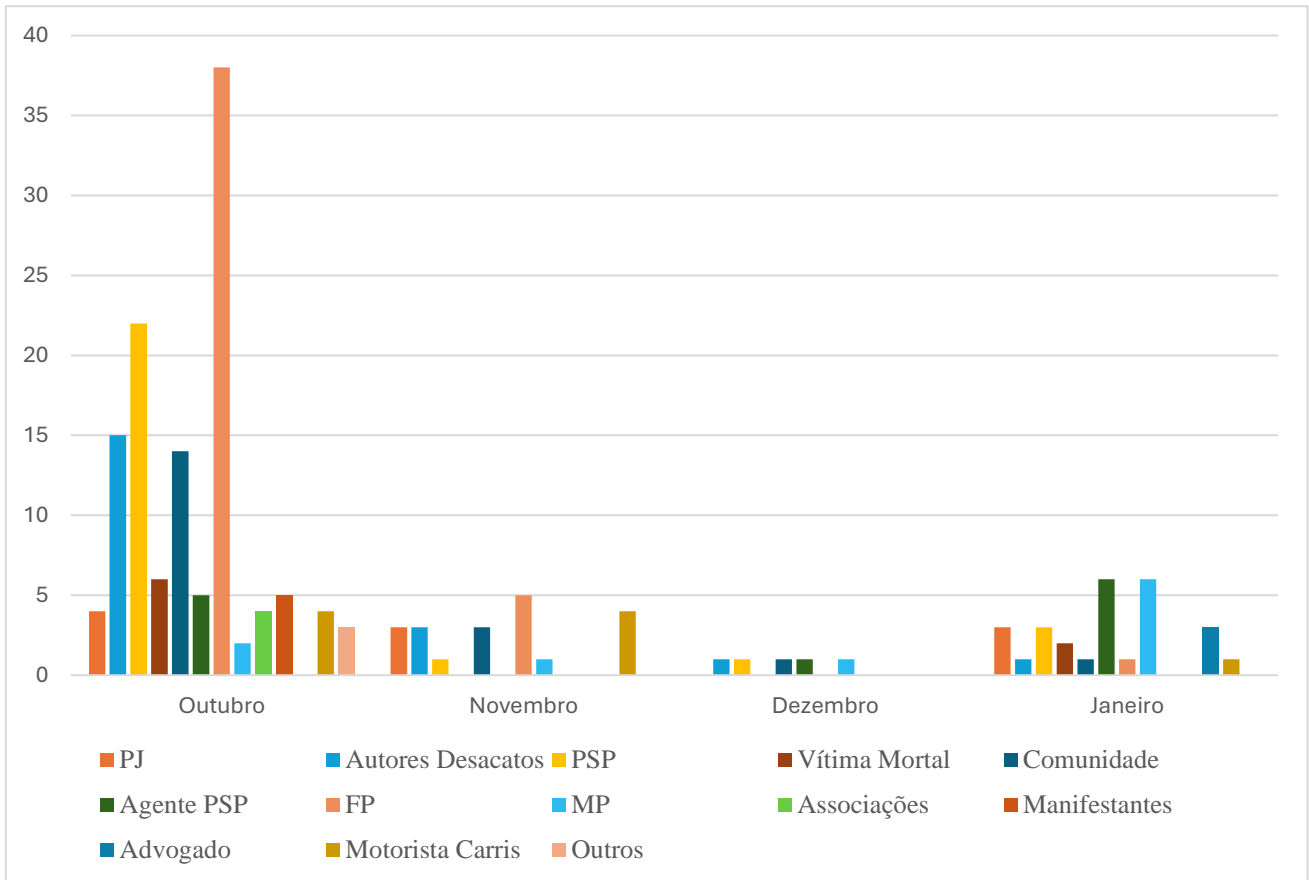
- ✓ “Tumultos”: agrega todos os acontecimentos relacionados com os desacatos que se desenrolaram na área metropolitana de Lisboa, incluindo o episódio que envolveu Tiago Cacais, motorista da Carris que ficou gravemente ferido ao ser atingido por um engenho explosivo quando se encontrava dentro de uma das viaturas quando terminava o seu turno.
- ✓ “Morte OM”: relaciona-se com todas as publicações feitas com especial foco na morte de Odair Moniz, desde a reconstituição do caso, até às acusações feitas ao agente da PSP, descrição da vítima mortal e também a análise feita por comentadores ou outras figuras, relativamente ao episódio que decorreu na madrugada de 21 de outubro.
- ✓ “Polémica CH”: o contexto surge depois das declarações dadas pelo deputado do Chega, Pedro Pinto, em que o mesmo, no canal RTP 3 durante um debate com o líder parlamentar do Bloco de Esquerda (23 de outubro de 2024), afirmou que, se as autoridades “disparassem mais a matar, o país estava mais na ordem”, declarações que vieram a ser criticados por partidos e que deram origem a uma petição e a uma investigação por parte da Procuradoria-Geral da República.
- ✓ “Visita PR”: refere-se à deslocação feita por Marcelo Rebelo de Sousa ao Zambujal. O chefe de Estado encontrou-se com a família de Odair Moniz, sem a presença de jornalistas, mas visitou também a esquadra da PSP local. O episódio resultou em críticas por parte do Chega, que acusaram Marcelo Rebelo de Sousa de “parcialidade”, apresentando um protesto formal em Belém.
- ✓ “Manifestações”: corresponde publicações relacionadas com as manifestações que decorreram durante o dia 26 de outubro de 2024.
- ✓ “Ausência PM”: tem que ver com as acusações feitas pelo secretário-Geral do Partido Socialista (PS). Pedro Nuno Santos criticou Luís Montenegro por não se ter deslocado aos bairros onde ocorreram os tumultos, e por não conversar diretamente com as comunidades, acusando o primeiro-ministro de se esconder por detrás do Presidente da República.
- ✓ Por fim, o tema “Outros” agrega publicações que remetessem para trabalhos de limpeza ou reforços de segurança em certas áreas, temas que acabaram por ser mais pontuais.

Gráfico 6. Temáticas Centrais ao Longo dos Meses



Considerando o período temporal, certos temas evidenciaram-se mais em determinadas alturas do que em outras. O tópico “Tumultos” teve maior prevalência nos primeiros dois meses, a par dos temas “Morte OM” e “Polémica CH”, sendo que o último teve relevância no mês de outubro. Já o tema “Ausência PM” surge num período em que começa a haver acusações por parte da oposição (PS), face a uma suposta inação por parte do Governo em deslocar-se ao Bairro do Zambujal, e numa situação onde os tumultos na área metropolitana de Lisboa pareciam ir acalmando com o tempo, entre o mês de novembro e dezembro. Já janeiro, início do ano e altura em que começavam a ser concluídas as investigações por parte do Ministério Público e pela PGR, foi um mês cujas publicações tinham sobretudo como objetivo fazer uma síntese do que tinha ocorrido na madrugada de 21 de outubro, um resumo do episódio entre o homem de 42 anos e do agente da PSP, que originou uma onda de tumultos e especulações no debate público.

Gráfico 7. Protagonistas ao Longo dos Meses



No que diz respeito aos protagonistas das peças, no primeiro mês de cobertura, os protagonistas mais relevantes foram as “Figuras Políticas”, seguidos da “PSP” e por fim os “Autores dos desacatos”. Isto deve-se ao rescaldo sentido após o episódio que vitimou Odair Moniz, morador do Bairro do Zambujal. O tema acabou por ser trazido para debate público, fazendo parte não só de agendas políticas, mas também de averiguações sobre o que se terá passado na madrugada de 21 de outubro de 2024. Além disso, as últimas duas semanas desse mês foram a altura em que os tumultos tiveram maior prevalência. Foi um período em que várias “Figuras Políticas” reagiram aos tumultos que assolaram a área metropolitana de Lisboa.

Em novembro, os protagonistas com mais destaque continuaram a ser “Figuras Políticas”, seguidos pela “PJ”, “Autores desacatos” e “Comunidade” - altura em que o debate em torno da morte de Odair Moniz começava a diluir-se, apesar de se manter em debate público. Outras questões, como as manifestações dos bombeiros sapadores ou as

crises no INEM, ficaram no centro do debate público. No mês de dezembro foi publicada a reportagem do Now no bairro do Zambujal, o que contribuiu para uma menção feita aos moradores da comunidade, assim como resumo do sucedido e o andamento da investigação levada a cabo pela PJ.

Já no mês de janeiro, encontrávamo-nos noutra fase da investigação e, cerca de 4 meses depois da morte de Odair Moniz, o Now procedeu à reconstituição e cronologia do que se passou na madrugada de 21 de outubro do ano passado, fazendo menção a todos protagonistas, mas com menos foco nas “Associações” e nos “Moradores”.

As fontes de informação correspondem a testemunhos diretos de protagonistas que contribuem com informação para a publicação das peças jornalísticas. O género dominante nestes casos acaba por ser o “Vivo”. Contudo, são também usados vídeos do Twitter como fonte de informação, principalmente quando são imagens publicadas por membros da comunidade de bairros sociais, em particular do Zambujal, figuras políticas, como ministros, presidentes de câmara ou o presidente da República, ou representantes de instituições como o Ministério Público, a PSP ou até mesmo a PJ. De acordo com a Joana Ramalho, as fontes dos jornalistas, tanto para o canal como para o website, acabam também por ser comentadores que já fazem parte da casa do Now: “Temos esses contactos, e caso eu não tenha, alguém da equipa quer do website quer da Tv irá tê-lo, e transmiti-lo com facilidade. No meu caso, guio-me também por agências e pelo que leio em canais noticiosos, ou se for exclusivo Now falo com fontes que conheço diretamente. Temos acessos a contactos de assessoria, ou os próprios comentadores que vão à televisão. Alguns fazem parte da casa do Now, o que faz com que haja esse à-vontade para nos informarmos sobre determinado assunto com pessoas informadas sobre esses mesmos temas.”

As fontes de informação relacionavam-se na sua maioria com a temática central das notícias: por exemplo, na categoria temática “Tumultos”, tendo em conta que estes aconteciam em áreas próximas de habitações, as fontes principais acabavam por ser os moradores, uma vez que eram as principais testemunhas de desactos que tivessem ocorrido perto da sua área de residência. Também instituições como a PSP assim como a reação do Governo, partidos políticos e presidentes da câmara (Lisboa, Oeiras e Loures), constituíram fontes relacionadas com os “Tumultos” que assolaram a área metropolitana de Lisboa.

Relativamente à categoria temática “Polémica CH”, as principais fontes foram as figuras políticas, na sua maioria representantes de partidos políticos que criticaram as declarações dadas por Pedro Pinto, presidente do grupo parlamentar do partido Chega, relativamente ao suposto modo de atuação que deveria ser implementado pelas forças de segurança. Já o tema “Morte OM” teve como fontes advogados e comentadores, incluindo o representante do agente da PSP acusado de homicídio do homem de 43 anos. O tema das “Manifestações” teve sobretudo como fontes manifestantes, tanto por parte dos que faziam parte de Associações como o SOS Racismo, como o movimento Vida Justa e a manifestação organizada para o mesmo dia pelo Partido Chega, onde também foi abordada a polémica que envolveu o partido.

A visita do presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, tem como principais fontes o próprio assim como o Partido Chega que não poupou críticas ao chefe de Estado, deslocando-se a Belém como forma de protesto pela ida do mesmo aos bairros onde ocorreram os desacetos. O tema “Ausência PM” por seu lado teve como fonte a sua oposição, neste caso o Partido Socialista (PS), que em visita ao Zambujal, criticou o governo por inação e falta de presença nas áreas mais afetadas pelos tumultos que se observaram na área metropolitana de Lisboa.

3. Análise qualitativa das peças assinadas por jornalistas do Now

De modo a enriquecer a investigação, foram analisadas adicionalmente, de forma qualitativa, seis peças. O critério de seleção das mesmas baseou-se no facto de serem assinadas por jornalistas do Now, tendo em conta a resposta à pergunta de investigação desta pesquisa. As seis peças escolhidas têm como temática central “Morte OM”, cobrindo diretamente a morte do morador do Bairro do Zambujal.

- “Odair Moniz. Quem era o homem morto pela PSP no bairro do Zambujal?”, peça publicada no dia seguinte à morte de Odair Moniz (22 de outubro): uma peça descritiva que tem por objetivo dar conhecer quem era o morador do Bairro do Zambujal. O autor usa a comunidade como fonte adicional para descrever o homem de 43 anos (“Segundo os amigos, estava a tentar endireitar a vida, e foi

nesta nova fase que acabou por morrer.”)¹⁰. São mencionadas as profissões ocupadas por Odair, o estabelecimento onde trabalhava, terminando com um pequeno resumo do que se passou na madrugada de 21 de outubro.

- “Odair Moniz e PSP cruzaram caminhos às 5h43 da manhã. O que aconteceu nessa noite?”, peça publicada no dia seguinte (23 de outubro). Nesta peça é feito um resumo do que terá ocorrido durante a madrugada de 21 de outubro. A descrição é feita de forma cronológica, mencionando a vítima mortal, os dois agentes envolvidos assim como o início das investigações sobre o caso (responsabilidade da Inspeção-Geral da Administração Interna e PJ). A principal fonte de informação da peça é a PSP (“A polícia alega que, ao ver a viatura, Odair encetou fuga na Avenida da República.”, “A PSP alega que o suspeito terá saído do carro com um punhal na mão, e terá tentado atacar os agentes.”)¹¹. A descrição dos acontecimentos é feita do ponto de vista das autoridades.
- “Morte de Odair chegou à esfera política: O que dizem os vários representantes de partidos na Assembleia da República?”, (23 de outubro). Trata-se de uma peça publicada onde são reunidos alguns “Vivos” que demonstram a reação dos vários partidos ao que sucedeu no Zambujal. É uma junção de “Vivos” de personagens políticas a reagir aos tumultos que se sucederam pós a morte de Odair Moniz, tecendo considerações sobre o sucedido.
- “PSP garante que não entrou na casa de Odair Moniz ou em qualquer outra residência do Bairro do Zambujal”, publicada dois dias após a morte do morador do Bairro do Zambujal (23 de outubro). Esta peça incide sobre a suposta ida da PSP à casa dos familiares da vítima mortal. Familiares acusam agentes de arrombar a porta da casa dos mesmos e agredido um jovem de 19 anos. A PSP, por outro lado, lamentou o sucedido, afirmando que não houve a entrada forçada por parte de nenhum dos agentes, sendo que as versões da PSP contradizem a da irmã da mulher de Odair Moniz. Há um vivo direto com declarações da PSP, mas é também mencionado posicionamento da família do homem de 43 anos. A notícia termina com um pequeno parágrafo com um breve resumo do que sucedeu na madrugada de 21 de outubro.

¹⁰<https://www.nowcanal.pt/ultimas/detalhe/odair-moniz-quem-era-o-homem-morto-pela-psp-no-do-zambujal>

¹¹ <https://www.nowcanal.pt/ultimas/detalhe/odair-moniz-e-psp-cruzaram-caminhos-as-5h43-da-manha-o-que-aconteceu-nessa-noite>

- “Recorde o caso de Odair Moniz — O homem morto por um agente da PSP e que gerou uma onda revolta em Lisboa”. Trata-se de uma peça publicada no dia 29 de janeiro de 2025, resumindo o que aconteceu, como forma de lembrar ao público o que sucedeu a 21 de outubro de 2024, assim como os “Tumultos” que tomaram conta da área metropolitana de Lisboa. As fontes utilizadas foram os moradores do bairro, relatos da PSP, o INEM e os protestos que seguiram à morte do cidadão cabo-verdiano. Também o episódio, cujo protagonista é o “Motorista da Carris”, foi relatado, resultado dos “Tumultos”.
- “Veja a cronologia da história da morte de Odair Moniz aos olhos da procuradora que liderou a investigação” - última peça partilhada no website do Now, 31 de janeiro de 2025, onde é feita uma reconstituição do que se passou nessa madrugada de acordo com a investigação do Ministério Público (que acusou o agente da PSP de homicídio).

As seis peças redigidas por jornalistas do Now, centradas na categoria temática “Morte de Odair Moniz”, contaram com o depoimento direto de protagonistas, como a PSP, Figuras Políticas, ou membros da comunidade do Bairro do Zambujal. Relativamente aos familiares, não existe um vídeo com uma declaração como acontece com os outros intervenientes. O website usa também diferentes fontes no relato do sucedido, comparando as declarações dadas de parte a parte, concluindo sempre de forma semelhante com o resumo sobre o episódio que desencadeou a onda de desacatos em Lisboa. Regista-se uma maior diversificação no contacto com as fontes de forma a obter diferentes prismas sobre o que se sucedeu, recorrendo também à utilização de vídeos amadores como fontes de informação ou adição ao contexto dos acontecimentos.

4. Discussão dos Resultados

A partir dos dados recolhidos tanto na dimensão da forma, como na do conteúdo, foi possível obtermos resultados que nos permitissem responder à pergunta de investigação deste relatório. Através da análise dos dados quantitativos podemos concluir que outubro foi o mês em que houve um maior número de publicações, uma vez que corresponde ao período em que decorreu não apenas o episódio, mas todos os outros acontecimentos vinculados ao mesmo, neste caso, os desacatos que se desenrolaram na Área Metropolitana de Lisboa (AML). O episódio da madrugada de dia 21 de outubro de

2024 suscitou diversas frentes (e diferentes protagonistas), como comentadores, instituições como a PSP, advogados, testemunhas, pessoas responsáveis por tumultos, figuras políticas, manifestantes e associações (que tiveram visibilidade com o objetivo de combater a segregação e marginalização).

Relativamente ao género jornalístico mais utilizado (“Vivos”, vídeos que não ultrapassam os 10 minutos), na sua grande maioria acabam por ser testemunhos, depoimentos ou comentários de protagonistas sobre os casos. O website do Now parece ter optado na sua maioria por este tipo de peça jornalística mais direta, uma vez que se trata de vídeos com um curto texto na sua descrição que permitem também que a publicação seja feita com maior celeridade, tendo em consideração um caso que estava constantemente em atualização. A cobertura feita através de Vivos permite que a informação passada pelas fontes seja mais rapidamente publicada no website, como por exemplo, depoimentos de moradores, testemunhas, o modo de ação de figuras políticas, das forças de segurança e das instituições responsáveis pela investigação do caso. Os “Vivos” podem ser posteriormente usados em peças.

Em termos de autoria, a Agência Lusa assinou algumas das publicações feitas, sobretudo peças classificadas dentro do género “Notícia”. Como agência noticiosa responsável por fornecer informações aos meios de comunicação social, o Now não foi exceção, e à semelhança de outros canais de informação, recorreu ao conteúdo recolhido pela Lusa para complementar a cobertura dos episódios que decorreram após a morte de Odair Moniz.

Por outro lado, quase metade das peças sobre este caso abordaram a dimensão mais conflitual; os “Tumultos”, comparativamente a outras temáticas, foi a categoria mais prevalente, assim como o tópico “Morte de Odair Moniz”. Isto pressupõe uma cobertura mais virada para o acontecimento e para as ocorrências, assim como para a dimensão da violência. Num caso que suscitou tanta discussão sobre marginalização, bairros sociais, e eventualmente desigualdade étnico-racial, a cobertura jornalística no website do News Now, durante o período analisado, foi sobretudo centrada nestas questões. Como mencionado no capítulo II, temas fortes, violentos e relacionados com o crime atraem a atenção da audiência, o que leva por diversas vezes canais de comunicação a optarem por uma cobertura jornalística focada nestas dimensões.

Os “Tumultos” tornaram-se assim na história mais prevalente, tendo em conta o apelo emocional da audiência que, perante o caos que se havia instalado na capital, podia encontrar nos meios de comunicação social informações sobre os recentes acontecimentos, por vezes perto da própria área de residência. A temática “Morte OM” mantém-se, no entanto, mais constante ao longo dos meses, ao contrário dos “Tumultos”, que têm maior proeminência na altura em que o foco estava nos incidentes, que iam perdendo importância e espaço no debate público e, conseqüentemente, na agenda política.

Relativamente aos protagonistas com maior destaque, as “FP” (figuras políticas), têm maior relevo nos dois primeiros meses de cobertura do caso da morte de Odair Moniz, seguindo-se as categorias “Agente da PSP”, “Autores dos Desacatos” e a “Comunidade”. A partir do momento em que é dado maior destaque ao caso pelo meio de comunicação social, existe também uma escolha por parte de personagens políticas de implementar estas histórias na sua própria agenda, procurando capitalizar os casos de aumento de violência, como foram os casos dos desacatos em Lisboa. E, desse ponto de vista, o Now opta também por recolher posicionamentos de pessoas consideradas importantes para a construção de um imaginário. Como foi realçado durante a entrevista da jornalista, Joana Ramalho, “Ministros são sempre a prioridade (...)”. No capítulo II é também referido que a participação de figuras políticas durante um período de crise ou de consternação pública leva certos partidos a procurar capital ou a responder a preocupações da população e da sua segurança. Os moradores, apesar de serem também eles fontes, não tiveram tanto foco ou peso na cobertura das notícias, confinados a um papel de, acima de tudo, testemunhas.

Os meios de comunicação exercem influência apoiando-se em instituições, mas como abordado por Isabel Ferin (2009), continuam a ter um papel importante na formação da opinião pública. Estabelecendo uma relação com o episódio da praia de Carcavelos, também a morte de Odair Moniz foi um caso de hipermediatização pelos media nacionais, incluindo o Now. O número de publicações elevado, acompanhado da percepção de um clima de insegurança nos bairros sociais, foi acentuado e os estereótipos continuaram a ser associados a grupos periféricos. Questões como se Odair teria ou não uma arma em “punho”, ou o caso das declarações de Pedro Pinto (“se disparassem mais a matar, o país estava mais na ordem”), contribuíram para um imaginário de crime escondido nas sombras da capital, contribuindo para “ciclos de pânico moral”.

Por outro lado, a reportagem do mês de dezembro “O NOW visitou o Bairro do Zambujal e foi conhecer as histórias de quem dá vida à comunidade todos os dias” foi um exemplo de cobertura jornalística que procurou entrar em contacto direto com a comunidade. Esta forma de abordagem quebra uma barreira de comunicação entre o público geral e os moradores que estão nas periferias, acabando por dar voz aos mesmos, o que os humaniza perante a sociedade, passando a ser rostos com voz, opinião e formas de expressão. No entanto, mesmo que tenha sido dado maior palco aos moradores, não deixa de ser um valor diminuto quando comparado à cobertura dada a figuras políticas ou comentadores, que têm mais espaço de expressão comparativamente a quem está em contacto direto com esta realidade. A pluralidade acaba por ficar comprometida, apesar de haver pequenos passos para a uma maior representatividade nos meios de comunicação.

Também a análise feita às seis peças, cuja única temática estava relacionada com a morte de Odair Moniz, permitiu-nos tirar certas ilações. À semelhança do que aconteceu com a reportagem, também nestas peças se recorreu a outras fontes, além das institucionais, consideradas as versões oficiais. Verificou-se assim um maior número de fontes locais comparativamente às primeiras notícias publicadas, estabelecendo uma relação entre crimes a bairros periféricos. Foram, no entanto, protagonistas apresentados de forma antagónica aos comunicados oficiais da PSP, como por exemplo quando alguns familiares da vítima mortal acusaram os agentes da autoridade de “arrombarem a sua casa”.

Conclusões

O objetivo principal da componente científica deste relatório de estágio visava entender de que forma o website da News Now, um canal noticioso recente no panorama mediático português, cobriu um dos episódios mais debatidos no último trimestre do ano de 2024. Além da análise feita, considerámos também importante entrevistar a jornalista, Joana Ramalho, parte da equipa do website do Now, que se juntou à equipa na altura em que os desacatos e tumultos tomavam conta da capital portuguesa.

Tendo em conta a abordagem metodológica seguida para a resposta à pergunta de partida, concluímos que o website utilizou como base para a cobertura do episódio “Vivos”, “Peças” e “Notícias”. Em termos formais, o Now fez um maior número de publicações (73) em duas semanas comparativamente aos restantes meses, o que demonstra que o website optou por focar-se no tema “Tumultos”, dada a pertinência que o mesmo tinha ganho em ambiente nacional. Em outubro, assim, cobriu de forma mais intensa os desacatos assim como os protagonistas principais que fizeram parte deste mesmo debate.

Contudo, o foco continuou a ser nas reações de figuras políticas, que têm mais peso e capital, maior reconhecimento e credibilidade. A tendência manteve-se em novembro, apesar da descida drástica de publicações, altura em que também a visita de Marcelo Rebelo de Sousa gerou controvérsia por parte do partido Chega. Já em dezembro, a temática “Morte OM” começa a ganhar mais relevância, e assim se manteve até janeiro, visto que os desacatos já tinham cessado.

Sob a perspetiva de Isabel Ferin (2009), as narrativas construídas pelos canais de comunicação social podem acentuar ou minimizar as imagens negativas associadas a habitantes de bairros periféricos e os média também podem contribuir para o modo de observação das comunidades sobre si mesmas. Detetámos um exemplo de minimização na reportagem publicada no mês de dezembro de 2024, que contribuiu de certa forma para a humanização da comunidade, através da pluralidade de fontes.

No entanto, apesar de existir um melhoramento ou atualização no modo de cobertura de notícias relacionadas com bairros periféricos, a hipermediatização continua a ser observada e acentuada em temáticas negativas. Estes resultados de certa forma

reforçam a tendência que os meios noticiosos têm em cobrir temas fraturantes. Por outro lado, a associação de Odair Moniz à criminalidade não advinha diretamente do canal, mas através de fontes de informação ou protagonistas com maior proeminência na sociedade portuguesa.

Apesar dos resultados obtidos durante a recolha de peças do website, esta investigação enfrentou algumas limitações, desde o tempo para analisar de forma mais qualitativa e intensa as peças jornalísticas, assim como a dificuldade de recolha de publicações, tendo em conta o modo de organização do website até à data da coleta das publicações. Também não foi possível ter um fator comparativo com outro website integrante de um meio televisivo, que permitisse extrair conclusões mais consolidadas sobre a cobertura jornalística nacional deste episódio, o que consideramos ser importante a explorar em pesquisas futuras. Um outro prisma de análise interessante poderia incidir no papel dos comentadores televisivos no enquadramento deste episódio.

Referências Bibliográficas

- Allan, S. (2015). Journalism and the culture of othering. *Brazilian Journalism Research*, 10(2), 188–203. <https://doi.org/10.25200/bjr.v10n2.2014.776>
- Alves, A. R. (2016). (Pré) textos e contextos: media periferia e racialização. *Política & Trabalho*, 44, 91–107. <https://doi.org/1517-5901>
- Amado, C., & Cordeiro, A. D. (2016). Tribunal condena Cláudia Simões e agente da PSP Carlos Canha em caso de agressões na Amadora. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/07/01/sociedade/noticia/tribunal-condena-mulher-agente-psp-caso-agressoes-amadora-2095909>
- Antunes, G. (2019). Política de habitação social em Portugal: de 1974 à actualidade. *Forum Sociológico. Série II*, 34, 7–17. <https://doi.org/10.4000/sociologico.4662>
- Branco, I. (2019). Média e integração de imigrantes. In F. R. Cádima (Coord.), *Diversidade e pluralismo nos média* (pp. 175–196). Instituto de Comunicação da NOVA.
- Cachado, R. d'Ávila (2011). Realojamento em zonas de fronteira urbana. O caso da Quinta da Vitória, Loures. *Forum Sociológico. Série II*, 21, 23–31. <https://doi.org/10.4000/sociologico.425>
- Carolino, J. (2023). Viver (n)um “bairro precário”. Problematização a partir de três trajectórias habitacionais. *Cidades. Comunidades E Territórios*, 47. <http://journals.openedition.org/cidades/7530>
- Carvalho, J. R. (2008). Etnicidade e os Media: o “arrastão” de Carcavelos na Imprensa. *Observatorio (OBS)*, 2*(2), 297–323. <https://doi.org/10.15847/obsobs222008133>
- Catarina, A. (2025). Viver num bairro social e as relações de vizinhança: um estudo sociológico no bairro de Santa Tecla. *Repositório Um*. <https://hdl.handle.net/1822/34228>
- Coelho, F. J. M. (2012). Intervenção policial em zonas urbanas sensíveis vermelhas: estudo exploratório em Santa Filomena, Bela Vista e Pasteleira Nova. *Repositório Comum*. <http://hdl.handle.net/10400.26/32150>

Cunha, I. F. (2003). A imigração e as minorias na imprensa e na televisão. *Biblioteca Online de Ciências de Comunicação*. <https://www.bocc.ubi.pt/texts/cunha-isabel-ferin-imigracao.pdf>

Davim, M. (2024). Zambujal: “Três polícias arrombaram a porta” da casa onde se faz o luto por Odair Moniz. *Visão*. <https://visao.pt/actualidade/sociedade/2024-10-22-zambujal-tres-policias-arrombaram-a-porta-da-casa-onde-se-faz-o-luto-por-odair-moniz/>

Deacon, D., Pickering, M., Golding, P., & Murdock, G. (1999). *Researching communications*. Arnold.

Devereux, E., Haynes, A., & Power, M. J. (2011). Tarring everyone with the same shorthand? Journalists, stigmatization and social exclusion. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 13(4), 500–517. <https://doi.org/10.1177/1464884911421698>

Dijk, T. A. van. (2000). New(s) racism: A discourse analytical approach. *Discourses*, 33–49. <https://discourses.org/wp-content/uploads/2022/07/Teun-A.-van-Dijk-2000-News-racism-A-discourse-analytical-approach.pdf>

DN/Lusa. (2025a). IGAI confirma processo disciplinar contra agente acusado de matar Odair Moniz. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/sociedade/igai-confirma-processo-disciplinar-contr-a-agente-acusado-de-matar-odair-moniz-2>

DN/Lusa. (2025b). Relação de Lisboa reverte absolvição e condena agente da PSP por agressões a Cláudia Simões. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/sociedade/rela%C3%A7%C3%A3o-de-lisboa-reverte-absolvi%C3%A7%C3%A3o-do-agente-da-psp-por-agress%C3%B5es-a-cl%C3%A1udia-sim%C3%B5es>

Durão, S. (2004). Policiamento de proximidade em Portugal: limites de uma metáfora mobilizadora. In J. Malheiros (Ed.), *Segurança e cidadania: Políticas públicas em debate* (pp. 101–123). Livros Horizonte.

Durão, S. (2011). Polícia, segurança e crime em Portugal: ambiguidades e paixões recentes. *Etnográfica*, 15(1), 129–152. <https://doi.org/10.4000/etnografica.850>

Ferin, I. (2009a). A cobertura jornalística da imigração: para uma teoria da notícia televisiva. *Comunicação e Sociedade*, 15, 191–214. [https://doi.org/10.17231/comsoc.15\(2009\).1052](https://doi.org/10.17231/comsoc.15(2009).1052)

- Ferin, I. (2009b). Migrações, media e nostalgia. *Revista ECO-Pós*, 12(1), 135–156. https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/download/974/914/1806
- Ferro, C., & Câncio, F. (2025). Morte de Odair Moniz em sete pontos. Acusação a agente da PSP segue para julgamento. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/sociedade/morte-de-odair-moniz-em-sete-pontos-acusa%C3%A7%C3%A3o-a-agente-da-psp-segue-para-julgamento>
- Gomes, S.(2014). Crime na imprensa: representações sobre imigrantes e ciganos em Portugal. *Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho*. <http://cics.uminho.pt/wp-content/uploads/2011/07/Working-paper-Gomes-S%C3%ADlvia-2011-Crime-na-Imprensa-Representa%C3%A7%C3%B5es-sobre-imigrantes-e-ciganos-em-Portugal1.pdf>
- Gonçalves, A., & Costa Pinto, T. (2001). Os bairros sociais vistos por si: mesmos actores, imagens públicas e identidades. *Repositório ISCTE*. <http://hdl.handle.net/10071/3330>
- Greer, C., & Jewkes, Y. (2005). Extremes of otherness: Media images of social exclusion. *Social Justice*, 32(1), 20–31. <https://openaccess.city.ac.uk/id/eprint/22470/>
- Guimarães, A. L., & Bis, L. (2019). A exclusão social como representação legitimadora da violência institucional em Jesus de Nazareth. *Aacademica.org*. <https://www.aacademica.org/000-030/752>
- Hall, S. (1999). Encoding, decoding. In S. During (Ed.), *The cultural studies reader* (pp. 507–571). Routledge.
- Hansen, A., Cottle, S., Negrine, R., & Newbold, C. (Eds.). (1998). *Mass communication research methods*. Palgrave.
- Heitor, T. V., & Gonçalves, J. (2019). Êxodos e migrações na região de Lisboa. *Revista Prumo*, 4(6). <https://doi.org/10.24168/revistaprumo.v4i6.1180>
- Henriques, J. G. (2019a). Bairros com menos Estado e mais polícia? *Público*. <https://www.publico.pt/2019/02/18/sociedade/noticia/-bairros-menos-estado-policia-1861978>
- Henriques, J. G. (2019b). PSP usa critérios étnicos para avaliar risco de zonas urbanas sensíveis. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/02/18/sociedade/noticia/psp-usa-criterios-etnicoraciais-avaliar-risco-zonas-urbanas-sensiveis-1861983>

Kearns, A., Kearns, O., & Lawson, L. (2013). Notorious places: Image, reputation, stigma. The role of newspapers in area reputations for social housing estates. *Housing Studies*, 28(4), 579–598. <https://doi.org/10.1080/02673037.2013.759546>

Kulaszewicz, K. E. (2015). Racism and the media: A textual analysis [Master's thesis, University of St. Thomas]. *Research Online*. <https://researchonline.stthomas.edu/esploro/outputs/991015131752603691>

Laranjo, F. (2025). Imagens de videovigilância tramam agente da PSP que matou Odair Moniz. *Correio da Manhã*. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/imagens-de-videovigilancia-tramam-agente-da-psp-que-matou-odair-moniz>

Lusa, A. (2024a). Pedro Nuno foi à Cova da Moura e deixou recado a Montenegro: “Governo não se pode esconder atrás do Presidente.” *CNN Portugal*. <https://cnnportugal.iol.pt/ps/pedro-nuno-santos/pedro-nuno-visitou-a-cova-da-moura-e-deixou-recado-a-montenegro-no-final-do-dia-quem-tem-mais-recursos-mais-meios-para-ajudar-a-promover-a-integracao-a-coesao-e-o-governo/20241104/672922a2d34ea1acf2703db7>

Lusa, A. (2024b). PGR abre inquérito a declarações de Ventura e Pedro Pinto sobre morte de Odair Moniz. *Observador*. <https://observador.pt/2024/10/25/pgr-abre-inquerito-a-declaracoes-de-ventura-e-pedro-pinto-sobre-morte-de-odair-moniz/>

Macedo, I. (2022). O filme Ilha da Cova da Moura, os média e a permanência dos racismos na sociedade. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 9(1). <https://doi.org/10.21814/rlec.3756>

Magalhães, C., & Santos, C. A. (2024). Imigrantes e minorias étnicas na pandemia. *Media & Jornalismo*, 24(44), e4402–e4402. https://doi.org/10.14195/2183-5462_44_2

Marcelino, V. (2024). Zonas urbanas sensíveis a quê? *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/6799001530/zonas-urbanas-sensiveis-a-que/>

Marques, M. A., & Ramos, R. (2020). Discursos migrantes: estratégias de construção de nós e os outros em discursos jornalísticos de opinião. *Comunicação e Sociedade*, 38, 17–39. [https://doi.org/10.17231/comsoc.38\(2020\).2594](https://doi.org/10.17231/comsoc.38(2020).2594)

Matos, & Melo, S. (2019). O Estado da Nação: o impacto do retorno de África. *Repositorio-Aberto.up.pt*. sigarra:368846

- Neuendorf, K. A. (2002). *The content analysis guidebook*. Sage.
- Núncio, M. (2016). Não há bons “bairros sociais” (nem com vistas, nem sem elas). *Público*. <https://www.publico.pt/2020/09/26/opinioao/noticia/nao-ha-bons-bairros-sociais-vistas-1932942>
- Pais, L. G., Felgueiras, S., Rodrigues, A., & Varela, T. (2015). Protesto político e atividade policial: a perceção dos media. *Análise Social*, *L(3.o)(216)*, 494–517. <https://www.researchgate.net/publication/315381276> Protesto politico e atividade policial a percecao dos media
- Portugal, C. (2025). A noite em que morreu Odair Moniz. *Observador*. <https://observador.pt/2025/10/22/a-noite-em-que-morreu-odair-moniz/>
- Raposo, M., & Varela, T. (2017). Narrativas jornalísticas sobre o crime: rupturas e continuidades. *Observatorio (OBS)*, *11*(4)*, 167–186. <https://doi.org/10.15847/obsOBS11420173017>
- Raposo, M., Varela, T., & Cardoso, G. (2019). Media representations of crime in Portugal. *Crime, Media, Culture*, *15(3)*, 437–453. <https://doi.org/10.1177/1741659019837812>
- Raúl, M. (2011). Jornalismo e exclusão social: um estudo de caso sobre a cobertura do “caso PCOP” em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, *20*, 59–74. [https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).954](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).954)
- Reis, C. (2023). Viver na Cozinha: gentrificação e novos usos sociais no bairro da Cova da Moura. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, *10(1)*. <https://doi.org/10.21814/rlec.4196>
- Ribeiro, S., & Torkington, K. (2019). A narrativa policial sobre a violência doméstica e a mulher na imprensa portuguesa. *Revista Estudos Feministas*, *27(2)*. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n262235>
- RTP. (2024). Zambujal: familiares dizem que Odair Moniz não estava armado no dia em que morreu. *RTP Notícias*. https://www.rtp.pt/noticias/pais/zambujal-familiares-dizem-que-odair-moniz-nao-estava-armado-no-dia-em-que-morreu_n1847955
- Santos, M. M. (2004). Jornalismo e exclusão social: a construção da notícia. *Comunicação & Sociedade*, *6*, 129–141.

Se a polícia disparasse mais a matar... (2021). *SIC Notícias*.
<https://sicnoticias.pt/especiais/odairmoniz>

Silveirinha, M. F., & Cristo, M. M. (2004). Policiamento de proximidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 143–161.

Soroka, S. (2002). Agenda-setting dynamics in Canada. *UBC Press*.

Tavares, T. (2013). Crime e jornalismo: processos de estigmatização e exclusão social. *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 36(1), 57–68.

Tavares, T. (2021). Crime, justiça e media: estigmatização e exclusão social. *Comunicação e Sociedade*, 40, 11–27. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3359](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3359)

Van der Brug, W., & Berkhout, J. (2024). A stigmatising discourse: exploring the relationship between immigration, crime, and media. *European Journal of Communication*, 39(2), 217–234. <https://doi.org/10.1177/02673231221138115>

Villela, R. (2021). As periferias na comunicação: discursos e práticas. *Revista Comunicação & Política*, 20(40), 43–62.

Visão. (2025). Agente da PSP suspeito de matar Odair Moniz. *Visão*.
<https://visao.pt/atualidade/sociedade/2025-10-23-agente-da-psp-suspeito-de-matar-odair-moniz/>

Zanetti, L., & França da Silva, R. (2023). O racismo nas zonas urbanas: uma análise dos discursos jornalísticos. *Revista Comunicação & Linguagem*, 26(2), 35–50.

Anexos

Anexo 1. Lista de Tabelas

Categorização da Forma da Notícia

ID	Data	Autoria	Título da Notícia	Género
1	21/10	Redação	Desacatos no bairro do Zambujal após morte de homem baleado pela PSP	Notícia
2	21/10	Redação	INEM chega ao Bairro do Zambujal. Moradores partiram vidros de autocarro	Notícia
3	22/10	Lusa	PSP continua a acompanhar situação no bairro do Zambujal após desacatos	Notícia
4	22/10	Carolina Pereira Soares	Noite no bairro do Zambujal marcada por momentos de grande tensão e violência	Peça
5	22/10	Beatriz Torrete	Odair Moniz. Quem era o homem morto pela PSP no bairro do Zambujal?	Peça
6	22/10	Lusa	Agente da PSP que baleou homem na Cova da Moura constituído arguido pela PJ	Notícia
7	22/10	Beatriz Torrete	Bairro do Zambujal: Realizados trabalhos de limpeza para desimpedir as vias	Peça
8	22/10	Redação	Situação vivida no Bairro do Zambujal é "reflexo da força que André Ventura dá às autoridades"	Vivo
9	22/10	Redação	Distúrbios não acalmam: Polícia reforça dispositivo no Bairro do Zambujal	Notícia
10	22/10	Redação	Populares incendeiam autocarro no bairro do Zambujal e obrigam a reforço policial	Notícia
11	22/10	Redação	População do bairro do Zambujal está preocupada com a situação que se vive atualmente	Vivo
12	22/10	Redação	Um segundo autocarro ardeu esta noite, na Portela de Carnaxide	Notícia

13	22/10	Redação	Hugo Soares: "Que fique claro que o meu posicionamento e o do PSD é de que acreditamos que as forças de segurança atuam dentro do quadro"	Vivo
14	23/10	Carlos Carvalhosa	Tiros, petardos e autocarros incendiados. Noite em Lisboa marcada por desacatos após morte de homem baleado pela PSP	Peça
15	23/10	Redação	Ministra da Administração Interna considerou distúrbios "perfeitamente inadmissíveis"	Vivo
16	23/10	Redação	Isaltino Morais apela a moradores para não se envolverem com "grupos provocadores"	Vivo
17	23/10	Carolina Pereira Soares	Odair Moniz e PSP cruzaram caminhos às 5h43 da manhã. O que aconteceu nessa noite?	Peça
18	23/10	Sandro Bettencourt	Carnaxide, Casal de Cambra e Damaia: Desacatos espalham-se por várias zonas de Lisboa"	Peça
19	23/10	Carolina Pereira Soares	Morte de Odair chegou à esfera política: O que dizem os vários representantes de partidos na Assembleia da República?	Peça
20	23/10	Andreia Antunes	PSP que matou Odair Moniz agiu em legítima defesa? Advogada Paula Rodrigues afirma que "tem de se averiguar se existia ofensa à integridade física dos agentes"	Vivo
21	23/10	Redação	André Ventura: "Nós estamos ao lado das forças de segurança e não desta rascaria que anda a incendiar autocarros durante a noite"	Vivo
22	23/10	Redação	Hugo Soares garante fazer distinção entre moradores e autores dos tumultos em Lisboa que devem ser levados à justiça	Vivo
23	23/10	Redação	Diretor nacional da PSP: "Estaremos e permaneceremos na rua, garantindo que a ordem pública regressa aos nossos territórios"	Vivo
24	23/10	Redação	Presidente da Associação de Moradores do Bairro do Zambujal apela "à calma e à tranquilidade"	Vivo

25	23/10	Redação	Marcelo Rebelo de Sousa revela que ainda não falou com família de Odair Moniz, homem morto em confronto com a PSP na Cova da Moura	Vivo
26	23/10	Redação	Carlos Moedas afirma que deve haver "tolerância zero à violência" em relação aos tumultos em Lisboa	Vivo
27	23/10	Redação	Nuno Melo: "Numa democracia e num estado civilizado como Portugal não são aceitáveis atos de vandalismo que destroem património"	Vivo
28	23/10	Redação	Onda de revolta em torno da morte de Odair Moniz alastra-se	Peça
29	23/10	Redação	Petardos rebentam perto da equipa de reportagem do NOW	Vivo
30	23/10	Sónia Cardoso	PSP garante que não entrou na casa de Odair Moniz ou em qualquer outra residência do Bairro do Zambujal	Peça
31	23/10	Redação	Conheça todas as reações dos partidos aos episódios de violência que têm ocorrido pela cidade de Lisboa nos últimos dias	Vivo
32	24/10	Carolina Pereira Soares	Quatro pessoas foram detidas por causa dos descatos violentos que marcaram a região da grande Lisboa	Peça
33	24/10	Redação	António Leitão Amaro sobre tumultos em Lisboa: "Estamos atentos para as legítimas preocupações, a dor e a revolta que muitos sentem"	Vivo
34	24/10	Redação	Presidente da Câmara de Sintra: "Há um reforço de policiamento em meios humanos e em equipamento. Era isso que desejávamos"	Vivo
35	24/10	Redação	Carlos Moedas volta a reforçar que não deve haver "tolerância à violência"	Vivo
36	24/10	Redação	André Ventura: "A polícia portuguesa tem de ter a capacidade de utilizar a arma quando é preciso e, se tiver se entrar a matar, também tem de entrar"	Vivo
37	24/10	Redação	Morte de Odair Moniz chega a Bruxelas: Bruno Gonçalves questiona declarações do Chega	Vivo

38	24/10	Anabela Benedito	Para travar escalada de violência, o Governo vai reforçar segurança na grande Lisboa	Peça
39	24/10	Redação	PSD afirma que "Chega e o seu líder se comportam como gasolina num incêndio". Já PS reitera que atitudes de André Ventura "mostram a importância de não podermos normalizar este partido"	Vivo
40	25/10	Redação	Marcelo Rebelo de Sousa quer aguardar para visitar bairros e diz que a "luta política é legítima"	Vivo
41	25/10	Mariana Azeitona	Polícia em alerta máximo: fim de semana será marcado pelas duas manifestações contrárias a propósito da morte de Odair Moniz	Peça
42	25/10	Fernando Coelho	Arremessados engenhos pirotécnicos para o interior da esquadra da PSP, no Casal de São Brás	Peça
43	25/10	Anabela Benedito	Ministério Público já abriu um inquérito às declarações dos dirigentes do Chega	Peça
44	25/10	Redação	Mariana Mortágua: "Um líder parlamentar não pode estar em televisão a incentivar ao crime, nem ao ódio, nem à violência, nem a um assassinato"	Vivo
45	25/10	Redação	André Ventura mostra-se indignado com queixa-crime e acusa autores de "perseguição política"	Vivo
46	25/10	Redação	Ministra da Administração Interna diz que PSP vai manter dispositivo operacional em Lisboa durante o fim de semana	Vivo
47	25/10	Débora Couceiro	Autocarro da Carris apedrejado no bairro da Boavista	Peça
48	26/10	Lusa	Mais de 120 ocorrências e 21 detidos em desacatos após morte de Odair Moniz	Notícia
49	26/10	Redação	PSP: "A situação tem vindo a acalmar do ponto de vista da desordem pública"	Vivo
50	26/10	Redação	PSP garante estar preparada para garantir a segurança nas manifestações deste sábado	Vivo
51	26/10	Redação	Cerimónias fúnebres de Odair Moniz começam este sábado	Notícia
52	26/10	Redação	Saiba quais as várias artérias e locais de Lisboa que vão estar condicionados ao trânsito graças às manifestações	Notícia

53	26/10	Lusa	Mortágua acusa extrema-direita de fazer dos polícias "carne para canhão" para "proveito eleitoral"	Notícia
54	26/10	Redação	Maria Vieira: "Eu só podia estar do lado da polícia e não do lado dos ladrões e assassinos"	Vivo
55	26/10	Redação	André Ventura: "Temos um conjunto de vândalos a destruir o país todas as noites. Se quem acabar por ir para a prisão for eu, está tudo errado. O país não compreenderá"	Vivo
56	26/10	Redação	André Ventura: "Aquele homem tinha um historial de crimes violentos, nomeadamente de assalto à mão armada e tráfico de droga"	Vivo
57	26/10	Redação	Pedro Pinto: "Polícia sim, bandidos não"	Vivo
58	26/10	Lusa	Milhares preenchem a Avenida da Liberdade a exigir justiça para Odair	Notícia
59	26/10	Carlos Carvalhosa	"Sem justiça não há paz": Centenas de pessoas saíram à rua em homenagem a Odair Moniz	Peça
60	26/10	Redação	João Ferreira pede apuramento de responsabilidades o mais breve possível	Vivo
61	27/10	Redação	Isaltino Morais prestou condolências à família de Odair Moniz: "As famílias nestas situações precisam de uma palavra de conforto porque não há nada que apague a dor"	Vivo
62	27/10	Lusa	Centenas de pessoas no cemitério da Amadora para se despedirem de Odair Moniz	Notícia
63	28/10	Redação	Agente da PSP que disparou sobre Odair Moniz no bairro da Cova da Moura já tem advogado	Notícia
64	28/10	Redação	André Ventura sobre petição entregue no Ministério Público: "É uma fraude porque quem quer pode assiná-la sem qualquer tipo de cartão de cidadão"	Vivo
65	28/10	Redação	André Ventura saudou autoridades por permitirem que as duas manifestações organizadas no sábado acontecessem no mesmo dia	Vivo
66	28/10	Redação	Carlos Moedas: "Não podemos ter nenhuma tolerância à violência"	Vivo

67	28/10	Redação	PCP afirma que declarações de Pedro Pinto “não têm lugar num regime democrático”. IL defende que frase proferida pelo líder parlamentar do Chega “tem de ter consequências”	Vivo
68	28/10	Maria Peleira Gouveia	Os 22 detidos pela PSP durante a semana de tumultos foram libertados	Peça
69	29/10	Redação	Moradora conta como foi ataque ao autocarro da Carris na Arrentela	Vivo
70	30/10	Redação	Pedro Pinto: “Reconheço que fiz uma afirmação infeliz, mas eu tinha acabado de dizer que quem veste uma farda nunca atira para matar”	Vivo
71	30/10	Maria Peleira Gouveia	Família de motorista da Carris queimado por um cocktail molotov teve de ser convencida a aceitar o dinheiro da angariação de fundos	Peça
72	30/10	Lusa	Presidente da Câmara de Loures defende despejo de participantes em distúrbios	Notícia
73	31/10	Redação	PGR revela ter pedido celeridade na investigação à morte de Odair Moniz	Vivo
74	01/11	Lusa	Presidente da República visitou bairro do Zambujal e conversou com familiares de Odair Moniz	Notícia
75	02/11	Carolina Pereira Soares	Presidente da República falou com a mãe do motorista da Carris que ficou ferido nos tumultos da semana passada	Peça
76	03/11	Redação	Chega vai deslocar-se a Belém em protesto: Partido não concorda com ida do Presidente da República ao bairro do Zambujal	Notícia
77	04/11	Débora Couceiro	Pedro Nuno critica Luís Montenegro por ainda não ter ido aos bairros de Lisboa: "Já é um padrão"	Peça
78	05/11	Lusa	Presidente da República nega que ausência do Governo nos bairros tenha sido combinada	Notícia
79	07/11	Redação	PJ não tem data para conclusão da investigação à morte de Odair Moniz	Notícia
80	27/11	Correio da Manhã	Operação da PJ em curso para apanhar suspeitos que atacaram motorista de autocarro durante tumultos em Lisboa	Notícia

81	27/11	Redação	Advogado Pedro Proença afirma que operação da PJ para apanhar suspeitos que feriram motorista de autocarro "é complexa"	Vivo
82	27/11	Redação	Advogado Dantas Rodrigues afirma que motorista atacado durante tumultos em Lisboa é testemunha mais importante da investigação	Vivo
83	01/12	Rodrigo de Campos Guimarães	O NOW visitou o Bairro do Zambujal e foi conhecer as histórias de quem dá vida à comunidade todos os dias	Reportagem
84	09/12	Lusa	Três detidos em Oeiras e Amadora relacionados com tumultos após morte de Odair Moniz	Notícia
85	11/12	Rita Carmona Direito	Agente da PSP que baleou Odair Moniz não prestou declarações	Notícia
86	02/01	Lusa	PJ já concluiu investigação à morte de Odair Moniz	Notícia
87	04/01	Redação	PGR diz não ter recebido relatório da morte de Odair Moniz	Notícia
88	29/01	Lusa	Ministério Público acusa de homicídio PSP envolvido na morte de Odair Moniz	Notícia
89	29/01	Carolina Pereira Soares	Recorde o caso de Odair Moniz — O homem morto por um agente da PSP e que gerou uma onda revolta em Lisboa	Peça
90	29/01	Sábado	Exclusivo NOW: Depois de baleado Odair Moniz ainda foi agredido com um bastão	Notícia
91	30/01	Rita Carmona Direito	Advogado do PSP acusado da morte de Odair Moniz considera que será fácil justificar a alegada falsificação do auto	Vivo
92	30/01	Rita Carmona Direito	André Ventura diz que o Ministério Público não devia ter acusado o agente da PSP que baleou Odair Moniz	Vivo
93	31/01	Redação	Veja a cronologia da história da morte de Odair Moniz aos olhos da procuradora que liderou a investigação	Peça

Categorização do Conteúdo da Notícia

ID	Protagonistas	Fontes	Tema Central
1	Autores de desacatos, PSP	Twitter	Tumultos
2	Autores dos desacatos, PSP, Comunidade	N/A	Tumultos
3	PSP	PSP	Tumultos
4	Autores dos desacatos, PSP, Comunidade	Moradores, PSP	Tumultos
5	Vítima mortal, Comunidade, Agente PSP	Moradores	Morte OM
6	Agente PSP, PSP, PJ, FP	PSP, PJ, Governo	Morte OM
7	Comunidade	Moradores	Outros
8	Comunidade, FP	Moradores	Tumultos
9	Autores dos desacatos	Twitter	Tumultos
10	Autores dos desacatos, PSP, Outros	N/A	Tumultos
11	Comunidade	Moradores	Tumultos
12	Autores dos desacatos, PSP	Twitter, PSP	Tumultos
13	FP	PSD	Tumultos
14	Autores dos desacatos, PSP	N/A	Tumultos
15	FP	Governo	Tumultos
16	FP	Presi CMO	Tumultos
17	Vítima mortal, Agente PSP, PSP, MP, FP, PJ	N/A	Morte OM

18	Autores desacetos, PSP, Comunidade	Moradores, PSP	Tumultos
19	FP (várias), Manifestantes	Governo, PSD, CH, BE, CDS-PP	Morte OM
20	Agente PSP	Advogada	Morte OM
21	FP	CH	Tumultos
22	FP	PSD	Tumultos
23	PSP	PSP	Tumultos
24	Comunidade	Moradores	Tumultos
25	FP	Presi.Republica	Morte OM
26	FP	CML	Tumultos
27	FP	Governo	Tumultos
28	Comunidade, PJ	Moradores	Tumultos
29	Jornalistas Now	Equipa Now	Tumultos
30	Vítima Mortal, PSP, Comunidade	PSP	Morte OM
31	FP	PS, PSD, BE, IL, PCP, CDS, Livre, Chega	Tumultos
32	Autores desacetos, Comunidade, Outros	Equipa Now	Tumultos
33	FP	Governo	Tumultos
34	FP	CMS	Outros
35	FP	CML	Tumultos
36	FP	CH	Polémica CH

37	FP	PS, CH	Polémica CH
38	FP	Governo, CMS, CML	Tumultos
39	FP	PSD, PS	Polémica CH
40	FP	Presi. República	Visita PR
41	CH, Associações (Vida Justa, etc), PSP	N/A	Manifestações
42	Autores desacetos, PSP	N/A	Tumultos
43	FP	CH, BE, Governo	Polémica CH
44	FP	BE	Polémica CH
45	FP	CH	Polémica CH
46	FP, PSP	Governo	Tumultos
47	Autores desacetos, Comunidade, PSP, Motorista Carris	Moradores	Tumultos
48	Autores desacetos, PSP, Motorista Carris	PSP	Tumultos
49	Autores desacetos, PSP	PSP	Tumultos
50	PSP, Manifestantes	PSP	Manifestações
51	Vítima mortal, PSP	N/A	Morte OM
52	Manifestantes, PSP, Associações, FP	N/A	Manifestações
53	FP	BE	Polémicas CH
54	Outros	Manifestante	Manifestações
55	FP	CH	Polémica CH
56	FP	CH	Morte OM

57	FP	CH	Polémica CH
58	Manifestantes, Vítima mortal, Associações	Manifestantes	Manifestações
59	Manifestantes, Associações	Manifestantes	Manifestações
60	FP	PCP	Manifestações
61	FP	CMO	Morte OM
62	Vítima mortal, Comunidade	N/A	Morte OM
63	Agente PSP	N/A	Morte OM
64	FP	CH	Polémica CH
65	FP	CH	Manifestações
66	FP	CM- Loures	Tumultos
67	FP	IL, PCP	Polémica CH
68	Motorista Carris, Autores de desacatos, PSP	N/A	Tumultos
69	Autores desacatos, Comunidade	Moradores	Tumultos
70	FP	CH	Polémica CH
71	Motorista autocarro, Autores desacatos	N/A	Tumultos
72	FP	CM-Loures	Tumultos
73	MP, PJSP	PGR	Morte OM
74	FP, PSP, Comunidade	Presi República	Visita PR
75	Autores desacatos, Motorista autocarro, FP	Presi República	Tumultos
76	FP	CH	Visita PR

77	FP, Comunidade	PS, Moradores	Ausência PM
78	FP, Comunidade	Presi. República	Ausência PM
79	PJ, MP	N/A	Morte OM
80	PJ, Motorista Carris	N/A	Tumultos
81	PJ, Autores desacatos, Motorista Carris	Pedro Proença (advogado), Equipa Now	Tumultos
82	Motorista Carris, Autores desacatos	Dantas Rodrigues (Advogado)	Tumultos
83	Comunidade	Moradores	Outros
84	Autores desacatos, PSP	PSP	Tumultos
85	Agente PSP, MP	N/A	Morte OM
86	PJ, Agente PSP, Advogado	PJ, Advogado PSP	Morte OM
87	MP, PJ	PJ	Morte OM
88	MP, Agente PSP, Advogado	Advogado PSP	Morte OM
89	Vítima mortal, Agente PSP, Comunidade, PSP, Autores desacatos, Motorista Carris, MP	PSP	Morte OM
90	MP, Agente PSP, PSP, PJ	N/A	Morte OM
91	Agente PSP, Advogado	Advogado PSP	Morte OM
92	FP, MP	CH	Morte OM
93	MP, Vítima mortal, PSP, Agente PSP	N/A	Morte OM

Anexo II- Entrevista completa à jornalista Joana Ramalho

24/03/2025

1. Resuma-me um pouco a sua experiência de como é trabalhar no website do canal Now.

No website publicamos todas as peças produzidas pelos colegas da equipa de Televisão, e estamos também responsáveis pelas redes sociais. Além disso, usamos fontes noticiosas, como a agência Lusa, para pesquisar temas sobre os quais temos pouco acesso, de modo a fundamentar a nossa análise- escolhemos cerca de cinco publicações que sejam pertinentes para o quadro de notícias do canal. Contudo, temos preferência por conteúdo produzido diretamente no Now, ou por outros grupos pertencentes à MediaLivre, como é o caso do Correio da Manhã, ou do Record.

2. De que maneira está o website organizado em termos de categorias?

O website ainda é recente e por isso vai sofrendo algumas alterações. Quando o canal abriu, o foco principal era a emissão televisiva e por isso nós (equipa do online), ainda estamos a analisar o que funciona melhor em termos de organização. Atualmente (até à data da entrevista), quando comparado ao Correio da Manhã, o Now não tem categorias como “Sociedade” ou “Portugal”. As publicações são todas feitas numa página inicial, por debaixo da secção “Últimas Notícias”. O website tem também uma tabela com os nossos programas que passam na emissão televisiva, um “Guia da Tv” e uma zona dedicada aos nossos “Protagonistas”, que são comentadores e especialistas do canal.

3. E quantas pessoas compõem atualmente a equipa?

Atualmente somos 4. Eu, uma colega que chegou em janeiro deste ano, a coordenadora do departamento e uma estagiária, de momento dedicada às redes sociais.

4. Relativamente à escolha de temas, têm de comunicar à coordenação sobre o que vão redigir, ou existe liberdade de escolha?

Diria que há liberdade. Contudo, se eventualmente um superior não aprova, ou não concorda com algum tema que ao “claim” do canal, que está relacionado principalmente com política nacional e internacional, pedem-nos para retirar a publicação. Mas na

generalidade, não temos por hábito comunicar previamente o que vai ser escrito. Existe uma espécie de triagem feita individualmente sobre o que achamos ser relevante ou não tendo em conta a imagem do canal- parte do jornalista fazer essa mesma avaliação.

5. Há uma estimativa ou número específico da quantidade de notícias que são publicadas diariamente?

Isso é um pouco complicado quantificar. Sei que no dia do debate da moção de censura¹², tenho a certeza de que no turno da manhã e tarde, foram publicadas por volta das 70 notícias. Mas tanto pode ser um valor inferior como superior. Num dia mais fraco, podem ser feitas cerca de 30 publicações, mas é uma estimativa.

6. Existe um intervalo concreto entre as publicações das notícias? Ou simplesmente publicam de acordo com a afluência das notícias.

Nós vamos publicando sempre que possível. Já nas redes sociais temos um *timing* que se relaciona com o algoritmo e com o *engagement*. No website tentamos ser o mais rápidos possível para termos sempre notícias a sair.

7. Existe na escolha de peças a serem publicadas, um grau de importância?

Depende. A avaliação acaba por ter que ver com a atualidade e com os temas que tomam maior proporção no debate público, e que mais se relacionam com a imagem do Now. Tudo o que se relaciona com a política e com o mundo, acabam por ser “prioridades” para o canal.

8. As peças produzidas para o website são apenas réplicas e sínteses das notícias televisivas? Ou são sobretudo notícias de agências noticiosas?

As peças que vão para televisão, têm uma língua diferente da escrita em site, ou por escrito e já para não falar da edição que é feita no vídeo, e por isso acaba por não ser uma mera cópia. No website escrevemos o que foi dito, mas considerando que a peça é produzida pelo jornalista de Tv, a escrita é diferente, e por isso tende a ser adaptada no online. As peças emitidas na televisão têm vídeos, pessoas a falar, e quando são publicadas no website, tem de ser considerada a linguagem escrita. Se houver algum

¹² O então primeiro-ministro, Luís Montenegro apresentou dia 11 de março de 2025, uma moção de confiança, que foi rejeitada, levando à queda do Governo. https://www.rtp.pt/noticias/politica/parlamento-rejeitou-mocao-de-confianca-os-momentos-decisivos-da-discussao_e1639837.

comunicado, ou publicação por exemplo de Donald Trump na rede X, nós temos de fazer algumas alterações. De resto é tudo criado pelo jornalista da Tv.

9. Os jornalistas do online contribuem de forma adicional para o canal? Neste caso, se têm contactos adicionais com fontes ou pessoas no terreno?

Temos esses contactos, e caso eu não tenho, alguém da equipa quer do website quer da Tv irá tê-lo, e transmiti-lo com facilidade. No meu caso, guio-me também por agências e pelo que leio em canais noticiosos, ou se for exclusivo Now falo com fontes que conheço diretamente. Temos acessos a contactos de assessoria, ou os próprios comentadores que vão à televisão. Alguns fazem parte da casa do Now, o que faz com que haja esse à-vontade para nos informarmos sobre determinado assunto com pessoas informadas sobre esses mesmos temas.

10. E relativamente a todos os acontecimentos que se sucederam à morte de Odair Moniz, sentiu que houve mais publicações de peças e notícias sobre o caso no website?

Penso que sim, pelo menos na minha ótica houve um grande número de publicações. Na televisão houve uma maior cobertura do episódio, quando comparado ao website, onde não existiram análises mais profundas, apenas publicações sobre acontecimentos recentes e atualizações sobre o caso. Focámo-nos principalmente no decorrer das investigações relacionadas com a situação e com todos os outros incidentes que ocorreram. Íamos também fazendo cronologias sobre as situações que iam ocorrendo e resumos do acontecimento dessa madrugada. Acredito que houve de facto esse foco, mas a análise foi feita principalmente em televisão. A morte de Odair Moniz foi um episódio que foi falado em praticamente todos os canais de informação.

11. E ainda sobre este caso, tem uma noção de quais foram os atores políticos ou instituições que mais foram noticiados nas peças?

Ministros são sempre a prioridade, assim como presidente da República, presidentes de câmara como Carlos Moedas e líderes de partidos políticos com maior visibilidade no parlamento, como o Partido Socialista ou o Chega. Sei que mencionámos associações, mas estes protagonistas foram os que tiveram maior destaque.

12. Em algum momento as notícias relacionadas com o caso e atores secundários começaram a ter mais destaque comparativamente ao episódio principal que desencadeou a onda de desacatos na área da grande Lisboa?

Sim, acho que a certa altura o foco já começava a ser em torno dos grupos responsáveis pelos tumultos e posteriormente o motorista do autocarro da Carris, vítima desses mesmos desacatos. O caso em si estava a gerar uma polémica grande, trazendo para cima da mesa temas como “desigualdade” e “racismo”, e desencadeou uma discussão maior nesse sentido. A certa altura, já se estava a “fugir” da morte de Odair Moniz em si. O episódio foi uma abertura para uma discussão de questões já existentes na sociedade.